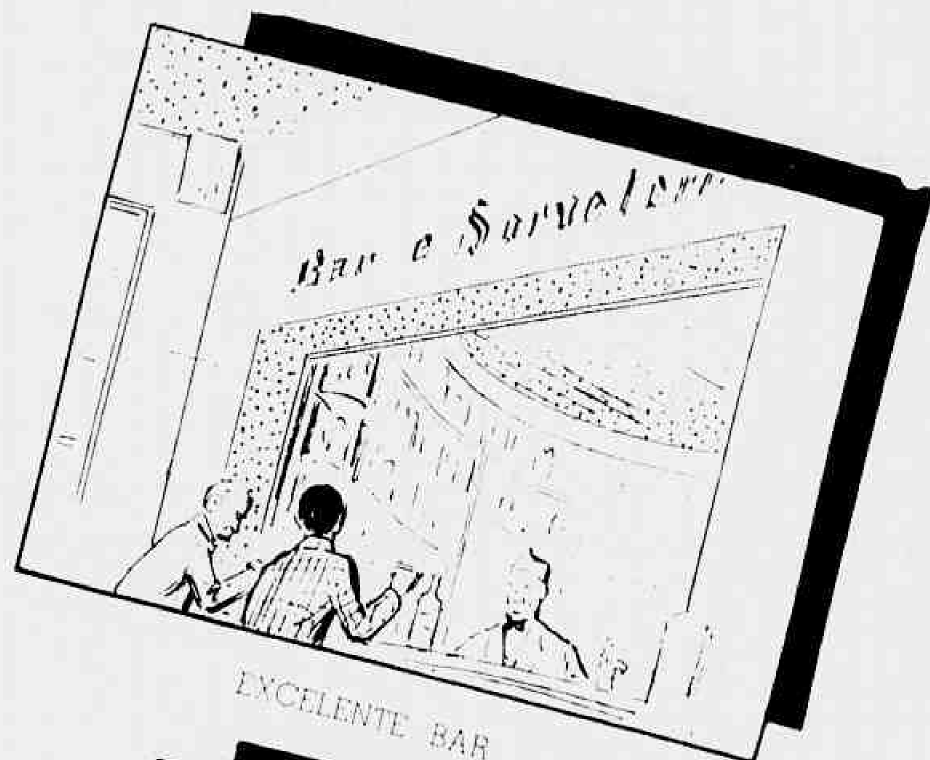
REVISTA DA SEMANA
N. 41 9-10-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



MARTA VOLTOU MAIS SIMPLES E MAIS BELA

GRANDE HOTEL PRATA



EXCELENTE BAR



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nivel do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



AMPLA VARANDA



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



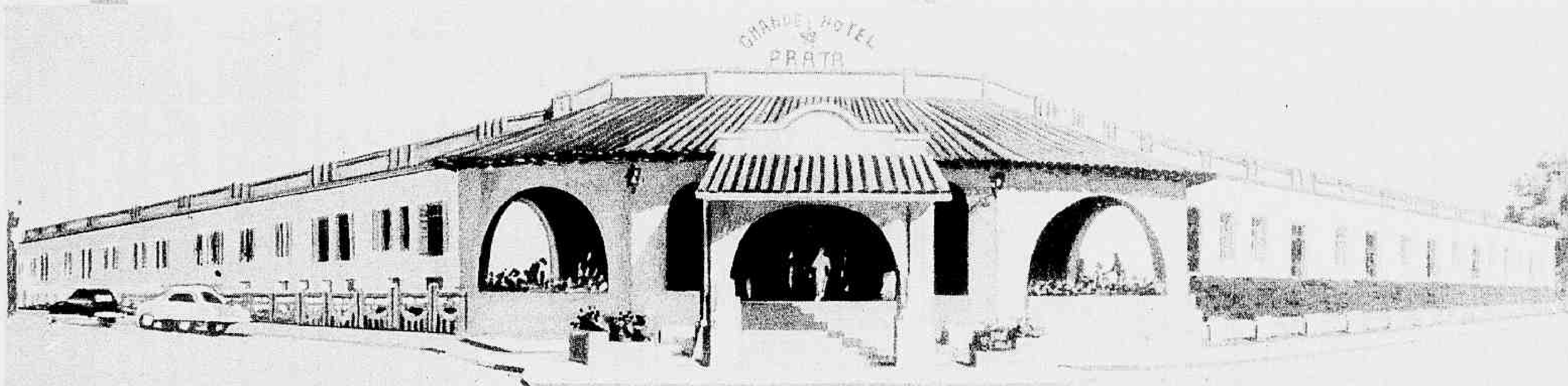
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.



SALÃO DE REFEIÇÕES

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO

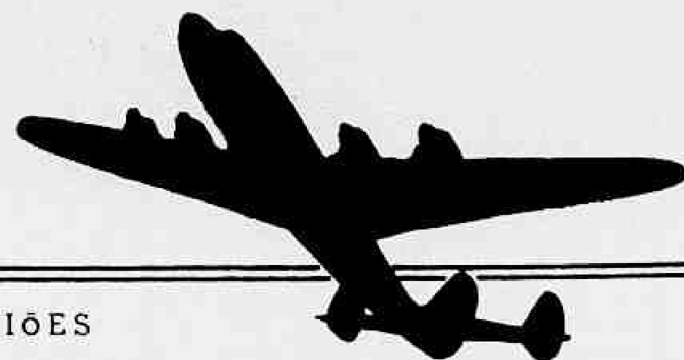




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas (via São Paulo)

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas (via B. Horizonte)

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 41 RIO DE JANEIRO 9-10-54

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Marcha Rocha	4/9
Gina defende o cinema italiano	12/13
De quanto mais precisa...	15/17
A Arte é coisa de elite	20/21
Um casamento abala Londres	22/24
O Brasil está cheio de doutores falsos	40/42
Café Filho (lutas, vitórias...)	44/49
«Rosa Branca» acusa Mendes de Morais	52/55
O fracasso dos festivais de cinema	56/57

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro	10
Música	11
Rádio	14
Flash Paulista	18
Página 19	19
Palavras Cruzadas	24
Show	25
Plantão noturno	26/27
Femininas	32/35
Literária	39
Astrológica	42
Cinema	43
Conjuntura e cifrão	48
Flash carioca	49
Champanhota	51
Último flash	58

HUMORISMO

O riso dos outros	28/29
Cuco	59

ROMANCE

Maria	30/31

Capa:
MARTA MOCHA (Miss Brasil)
Foto de Alberto Ferreira

Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor .... Gratuliano Brito
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.

O acontecimento da semana

VIAGENS

• Noticia-se que alguns escritores vão viajar. Nada de mais, pois todo mundo viaja e em especial escritores, que além disto gostam de escrever livros sôbre essas andanças. Há os que também escrevem livros sôbre viagens e não são escritores, como há escritores que não viajam — e êste é o meu caso. Não viajo, mas olho com certa cisma e uma ligeira ponta de inquietação, esta gente que vai e vem, principalmente os plumitivos. A cara, clássica palavra de Baudelaire: cada pessoa é neste mundo um doente atormentado pelo desejo de mudar de cama. Desfilam em meu pensamento jornadas e jornadeantes ilustres — os que chegaram primeiro, como Anchieta, de quem agora o professor Maciel Pinheiro distribui a efígie, outros padres, como Antônio Sepp, que comeram carne crua a bordo, e viram peixes dançando como borboletas, e outros fenômenos que infelizmente só existiam naquela época rudimentar. Mas o mais antigo viajante de que me lembro foi Jonas, que navegou no bojo de uma baleia, sentado ou ajoelhado, indiferente às oscilações do mar. E falando em mar, desfilam muitos viajantes de fama pela minha memória, Robinson Crusoe, o pirata Laffite, Cristóvão Colombo, alguns heróis de Melvile, personagens de Júlio Verne, Jack London, Eugene O'Neill, André Gide, gente de mentira misturada a gente de verdade, gente velha e moça, todo um mundo. Como se viajou nesta terra, meu Deus! Vejo rotas riscadas, espaços abertos e terrenos sulcados de lado a lado — e flores exóticas, nascidas especialmente para os viajantes. Vejo e revejo, e continuo sentado à minha mesa de redação.

• Não faz mal, não sou da raça que viaja. O trânsito me deixa paralisado e triste, não compreendo as paisagens, a diversidade das pessoas me assusta. Ai de mim, sinto tão poucas raízes no solo duro em que piso, que longe dêle só imagino as coisas como um naufrágio. Trens voando por estradas que não me são familiares, noites descendo sôbre cidades que não vi ainda, navios chegando em portos hostis como prisões — sôbre tudo, transito e sem amparo vou escorregando, à procura de um mato, de uma pedra, de um suspiro que me traga de novo o meu território. Não sei, leitor, onde se acha êste país. Sei apenas que êle é meu. Sentado à mesa da redação, como já disse, acompanho a notícia dos outros e viajo também — com a imaginação é claro, que é sôlta e desanuviada, inventando castelos e planícies, cenas de um cinema único que trazem como marca de origem, um tom de humidade, um fulgor, um cheiro agreste das coisas que já se esvaíram na infância.

LÚCIO CARDOSO

O TÍTULO É APENAS ÊSTE:

MARTA



Às 11 horas de quarta-feira, 29, Marta desce do «Constellation» no Aeroporto do Galeão.



Seu irmão é o primeiro a cumprimentá-la e o faz com um beijo fraternal. Agora êle não beija apenas a irmã mas a segunda beldade



do mundo. Jornalistas e radialistas atacam a jovem baiana com perguntas de todos os feitios e tamanho e a tudo responde com



sua peculiar simpatia e talento. Ela não faz aquela pose forçada de artista de cinema. Marta sorri com muita naturalidade.

DEPOIS de quase três meses ausente do Brasil, a baianinha Marta Rocha voltou com o título de "a segunda mais bela mulher do mundo". Aquêle mesmo sorriso que atravessou os mares e colocou, por instantes, todo o Júri indeciso, ao ponto de, na classificação final, ter de recorrer à técnica dos pontos e das medidas, voltou nos lábios de Marta, aquela menina simples e bela da praia de Itapoã, agora mais simples e mais bela, dona de todos os olhos do mundo. Marta Rocha, a loura de pele queimada, desceu no aeroporto do Galeão em forma de manchete, pois não tem sido outra coisa desde que conquistou o título de "Miss Brasil" e a segunda colocação no pleito para a escolha de "Miss Universo". Comentada e discutida na primeira página de todos os jornais do mundo, seu nome e sua figura tiveram a projeção supersônica das grandes notícias: seu sorriso claro e seus olhos azuis passaram a fazer parte da leitura do dia-a-dia. Mas nada nisso empolgou Marta, ou melhor, nada disso transformou Marta, que continua sendo aquela mesma menina simples, meiga, e sem vaidades. Sente-se que está orgulhosa, isso sim, mas por ter conquistado para o Brasil um título de tão alta categoria, fazendo-se representar pela beleza e mocidade da mulher brasileira, no certame internacional de Long Beach.

★

No aeroporto internacional do Galeão, procedente de Pôrto Rico, onde permaneceu 7 dias, Marta desceu do Constellation da Pan-American para os braços do seu povo. Seu nome era agora tão importante quanto o de qualquer artista de cinema de fama internacional. E, por isso mesmo, levou até a Ilha do Governador uma enorme multidão de fãs e admiradores. Quem primeiro surgiu na portinha do avião foi o sorriso de Marta, um sorriso espontâneo, sadio, sem os artifícios das grandes "estrêlas" em cujos contratos há sempre uma cláusula: sorria, sorria sempre. Marta falou com todos, deu autógrafos, e começou a desmentir os boatos. Inclusive o de que havia ficado noiva. Nada disso. Marta continua solteira, jovial, sem planos imediatos para o futuro. Embora pretenda, como sempre faz questão de frisar, casar-se algum dia e constituir um lar — que é, acima de tudo, a sua grande, senão única, ambição na vida.

★

No apartamento do Copacabana Palace, onde ficará hospedada por alguns dias, Marta começa a receber os primeiros telefonemas. É ela mesma quem atende o telefone — e nunca diz que não está para ninguém. Fala com todos com a mesma simplicidade, pois a glória não parece ter alterado em nenhum milímetro a sua personalidade. Às cinco horas, sem se fazer esperar, recebe os jornalistas, fala ao microfone de várias emissoras, deixa-se filmar e ser fotografada. Apesar da longa viagem, não se mostra cansada e responde às mais absurdas perguntas. E desmente mais uma vez o boato do noivado.

DEPOIS DE CÊRCA DE TRÊS MESES FORA, CONCORRENDO AO TÍTULO DE «MISS UNVERSO», EM LONG-BEACH, A LOURA BAIANA VOLTOU MAIS SIMPLES E MAIS BONITA COM A CLASSIFICAÇÃO DE «A SEGUNDA MAIS BELA MULHER DO MUNDO». NÃO ACEITOU CONTRATOS, NÃO GANHOU PRESENTES, MAS TEVE INÚMERAS PROPOSTAS DE CASAMENTO.

Texto de LUÍS SODRÉ

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Um cordão de isolamento da Aeronáutica garante a passagem da «estrêla» até o salão do aeroporto.

MARTA

MARTA ROCHA EM TRÊS FASES: Miss Bahia, Miss Brasil e Vice-Miss Universo. Mas o sorriso é sempre o mesmo.



No Galeão, Marta foi cercada de todos os cuidados para que os fãs mais entusiasmados não a molestassem. Recebeu a proteção da Aeronáutica e se encaminhou para o salão onde os jornalistas e radialistas fariam as clássicas perguntas. O movimento era intenso e a boa vontade da loura baiana era grande. Prometeu uma entrevista no Cocapabana, onde se hospedaria. E assim foi.



MARTA

Com a mesma simpatia e amabilidade de sempre, Marta recebe os jornalistas no mesmo dia de sua chegada, para uma entrevista coletiva. Não se mostra embaraçada um só instante e responde a tôdas as perguntas. Eis, a seguir, algumas de suas respostas:



P — Você recebeu com surprêsa a decisão do Júri??
R — Não cheguei a ter tanta surprêsa porque estávamos, as cinco finalistas, dentro de uma sala. Foram sendo chamadas uma a uma e restamos duas, eu e a Miss Estados Unidos.



P — E' verdade que o voto de Piper Laurie influiu para que você perdesse o título de «Miss Universo»?
R — O voto foi secreto. Só sei de uma pessoa que votou em mim. Trata-se do desenhista Vargas, da revista «Esquire».



P — Que foi que mais a impressionou nos Estados Unidos?
R — Diversas coisas. O povo é muito prático. Para as donas de casa, por exemplo, a vida é uma sopa, não se precisa de empregada: as comidas são enlatadas e tudo é automático.



P — Você mesma não acha que voltou com mais desembaraço depois dessa viagem?
R — Nada como um dia atrás do outro.



P — Você não aceitou o contrato em Hollywood porque pagavam pouco?
R — Absolutamente. Tive uma proposta em Las Vegas para ganhar 30.000 dólares por semana e recusei.



P — Não está arrependida por não ter assinado o contrato?
R — Sinceramente, a vida de cinema nunca me atraiu.



P — Gostou de Pôrto Rico?
R — Gostei muito. E' uma cidade relativamente pequena. O seu povo prima pelas amabilidades.



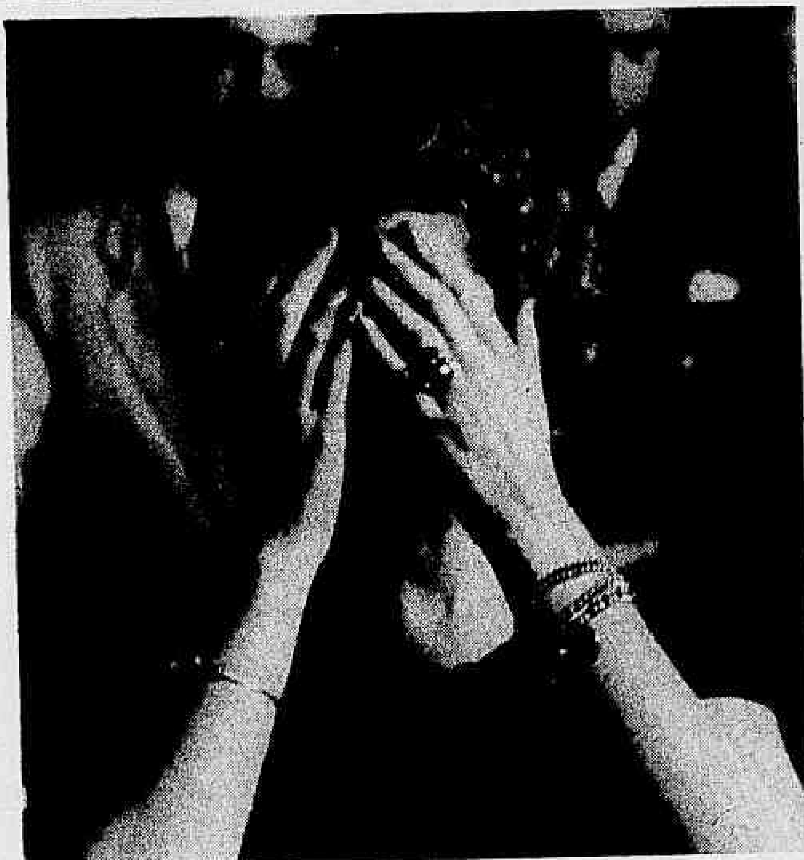
P — Em Hollywood, qual o ator que achou mais simpático?
R — O que mais me agradou foi Jeff Chandler. Das «estrêlas», Jeanne Crain.



P — Qual foi a noite que lhe deixou maior recordação dos Estados Unidos?
R— A noite em que não fui eleita «Miss Universo».



P — Por que motivo não assinou contrato com a Universal, em Hollywood?
R — Por várias razões: primeiro porque achei muito artificial a cidade do cinema; segundo, a vida lá é muito cara e os 250 dólares não dariam para viver bem, e 3º, saudades do Brasil.



P — Gostou do povo norte-americano?
R — Gostei muito. Mas me aborreci com certas perguntas que me fizeram sôbre o Brasil, tais como: se já havia energia elétrica, se havia automóveis, se os leões andavam pelas ruas, etc. Isso, sinceramente, me deixou muito magoada.



P — Que é que você foi fazer em Pôrto Rico?
R — Fui convidada para passar lá 3 dias, onde coroaria a «Rainha dos Corações»; acabei ficando uma semana e fui coroada «Imperatriz da Beleza». Confesso que esta cidade me impressionou bastante.



P — E' verdade que você saiu daqui com as medidas certas e lá engordou uma polegada?
R — Isso não, porque não suportei a comida americana. Fui eleita «Miss Brasil» como sou e com as minhas mesmas medidas concorri.



P — Nesse caso, se você tivesse feito uma dieta e perdesse aquela «polegada» poderia ter ganho o título?
R — Nunca fiz dieta em minha vida e não sei porque teria que fazer agora.



P — Quais os seus planos para o futuro?
R — De momento, nada sei. Mas vou passar uns dez dias aqui no Rio, mais dez na Bahia voltarei ao Rio por mais dez, irei a São Paulo, voltarei novamente ao Rio — e até lá decidirei.

Satisfaz plenamente a nova embalagem



A nova embalagem do purissimo Açucar PÉROLA, além de proteger mélhor o produto, evita perdas, proporcionando maior satisfação aos consumidores



• mais resistente
• mais higiênica
• mais econômica

açucar PEROLA

saco azul e cinta encarnada

fabius

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Quem escreveu que esperava «a ajustiça de Deus» na voz da história:
- **Deodoro?**
- **D. João VI?**
- **D. Pedro II?**

2—Qual o tempo que a geologia acredita como tendo o homem aparecido sôbre a terra:
- **100.000 anos?**
- **200.000 anos?**
- **5.000 anos?**

3—Antes de Cristo o calendário era orientado por:
- **Águas?**
- **Plantas?**
- **Astros?**

4—Em que foram eminentes os egípcios:
- **Navegação?**
- **Astrologia?**
- **Matemática?**

5—Qual foi a profissão de Herodoto:
- **Poeta?**
- **Mágico?**
- **Historiador?**

6—Quantos anos de história conhecida possuem os chineses:
- **Mil?**
- **Dois mil?**
- **Cinco mil?**

7—Qual foi o primeiro livro impresso em português, no ano de 1496, em Lisboa:
- **O «Vita Cristi"?**
- **A «Bíblia»?**
- **«Vida dos Santos»?**

8—Quantos versos escreveu o autor espanhol Lope da Vega:
- **Mil?**
- **Cinco mil?**
- **Vinte e um milhões?**

9—Que são beduínos:
- **Viajantes?**
- **Negociantes?**
- **Árabes nômadas?**

10—Em que ano se deu a erupção do Vesúvio que destruiu as cidades de Pompéia e Herculanum:
- **Ano 2?**
- **79 AC?**
- **3 AC?**

11—A que imperador pertencia o famoso cavalo Incitatus:
- **Calígula?**
- **Nero?**
- **César?**

12—Que quer dizer a palavra Maragogipe:
- **Redentora?**
- **Fronte livre?**
- **Braços invencíveis?**

13—Quem foi o primeiro homem que conseguiu dominar um leão:
- **Marsala?**
- **Hannon?**
- **Terêncio?**

14—Que significa a palavra potiguar?
- **Sábio?**
- **Poderoso?**
- **Senhor dos vales?**

15—Qual o poeta cujo nascimento é disputado por sete cidades:
- **Virgílio?**
- **Petrarca?**
- **Homero?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior; — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................

RUA.................... Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A CENA MUDA

• Nova
• Moderna
• Diferente
• Colorida

EM TÔDAS AS BANCAS

RESPOSTAS: — 1 — Pedro II; 2 — 200.000 anos — 3 — Astros; 4 — Astrologia; 5 — Historiador; 6 — 5.000 anos; 7 — «Vita Cristi»; 8 — 21 milhões; 9 — Árabes nômadas; 10 — 79 AC; 11 — Calígula; 12 — Braços invencíveis; 13 — Hannon; 14 — Senhor dos vales; 15 — Homero.

CARTA (UM POUCO AFLITA) A Da. MARIA AMÉLIA REZENDE MARTINS

BRUTUS PEDREIRA

● Da. Maria Amélia:

Uma das últimas vêzes em que passei pela sala da Associação Brasileira de Concertos, à cata de notícias para esta página e do prazer duma rápida conversa, entre as andanças de seus quefazeres, a senhora me disse uma coisa que, pouco a pouco, se foi avolumando e terminou por deixar-me sèriamente apreensivo. Referindo-se à contínua incerteza quanto às datas que o Municipal marcou, marca ou marcará, para os concertos da A. B. C., contou-me a senhora a canseira que lhe traz essa tentativa de fixar algo sôbre areia movediça e aludiu a uma vaga possibilidade de cessar sua permanência à frente da A. B. C. e da Pró-Arte. Confesso que, de início, não dei maior importância às suas considerações. A gente, quando cansada, resolve muitas coisas que, depois, não realiza, mormente se essas coisas atingem e pressupõem a extinção do que criamos e a que nos demos, de corpo e alma. Creio ser êsse o seu caso, diante da A. B. C. e da Pró-Arte. Não sei quais as vantagens que ambas lhe trazem, excetuada a grande, a maior de tôdas: a consciência de realizar um belo empreendimento. Não sou esclarecido no assunto, mas parece-me que finanças, nesse gênero de associações, quando não deficitárias, são precárias. Sei que sua messe maior é de desgostos e preocupações. Mas que é que se faz de bom e desinteressado, no mundo, sem colheita dessa espécie? O caso é, dona Maria Amélia, que a sua vaga possibilidade, com o correr dos dias, foi tomando vulto, no meu temor, e acabou por deixar-me assaz abafado. A senhora já pensou? O Rio é cidade de vida musical paupérrima e dispersa. Concertos há, talvez diários, mas despidos de interêsse e, mais ou menos, às escondidas. Não temos publicação especializada — provàvelmente, o Rio ainda não a comporta — que nos ponha a par do movimento musical e sôbre êle nos esclareça; o noticiário dos jornais é, quase sempre, deficiente e, não raro, inexato. Restam-nos as sociedades de concertos e as orquestrais, que reúnem, em seus associados, parte do público melômano desta cidade tão cheia de ruídos feios. Agora, veja bem, dona Maria Amélia: se aquela sua vaga possibilidade, à imagem de tantas outras, não menos vagas, se dá ao mau vêzo de realizar-se, a senhora já imaginou o claro que vai abrir, na minguada fileira de nossos bons concertos? E se o caro Botelho, estimulado por seu exemplo e por uma canseira de muitos anos, resolve, também, mandar a Cultura Artística às urtigas? Será, então, um Deus nos acuda! Por favor, dona Maria Amélia desenraíze de sua mente aquela possibilidade, enquanto não cria corpo e jogue-a para longe de si. Lembre-se de que todos nascemos para sofrer e, já que nosso destino é êsse, cumpramo-lo bela e melòdicamente. Que vai ser de nós e desta pobre cidade, tão cheia de berreiro das buzinas de automóveis, da barulheira dos bondes, do ranger de pneus em curvas mortíferas, das descargas abertas das motocicletas, de tôdas essas horrendas vozes do progresso, que trouxe consigo também o do câncer, o do infarto cardíaco, o das mais variadas e subtis psicoses, que será de nós, repito, se a senhora nos privar de boa parte dos únicos sons que nos afagam os ouvidos e o espírito: o da bela música bem executada? A senhora já reparou que não ouvimos mais os pássaros chilrearem, nas árvores das praças? Que raras são as vozes radiofonizadas que cantam certo ou não dizem sandices? Espero em Deus, dona Maria Amélia, que reconsidere a idéia daquela cruel possibilidade e a sepulte sob a lousa do impossível. Continue penando, à frente da A. B. C. e da Pró-Arte e, se tiver tempo, olhe para um e outro lado: verá que todos penamos, em geral, por motivos bem menos dignos. Prometeu-nos Heifetz, para início da temporada vindoura. Traga-nos Heifetz e tantos quantos puder. E não será de admirar se Santa Cecília, compadecida das atribulações da senhora, como justo prêmio, der um jeito na Comissão Artística do Municipal e ensinar a êste nosso público, tão musical, tão sensível e tão indolente, o caminho dos bons concertos, que são, em sua quase totalidade, os promovidos pela A. B. C., pela Cultura Artística, pela Pró-Arte e pelas sociedade orquestrais. Dona Maria Amélia, por favor, não nos faça falsêta. Falsêta, neste caso, é traição feia. Contamos com a senhora. De seu criado de sempre Brutus Pedreira.



BENEDITO CORSI

ótimo ator, que tem atuado com êxito, no Teatro e no Cinema, atualmente no Rio de Janeiro, com o elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, S. Paulo. Desempenha o papel do protagonista em «O Pedido de Casamento», de Anton Tchehov.

DIVERSAS

Sérgio Cardoso estreou, a 4 do corrente, sua temporada no Teatro Leopoldo Fróis, de São Paulo, com «Lampião», de Raquel de Queiroz. Sòmente em princípios do próximo ano, inaugurará êle seu próprio teatro, que, ao que consta, ficou, mesmo, com o nome de Mombahé.

★

Maria Della Costa, depois da inauguração de seu teatro, com «O Canto da Cotovia», tradução brasileira de «L'Alouette», de Anouilh, levará à cena «Uma pulga na orelha», de Feydeau.

ARTURO MICHELANGELI

Por três vêzes, Arturo Michelangeli assentou sua vinda ao Rio, e nenhuma delas pôde realizá-lo. Isso, para nós, tem sido perda grande. Poucas figuras se revestem do prestígio e da curiosidade que desperta o jovem e ilustre pianista italiano, para quem acompanha o movimento internacional de concertos. Sua carreira se inscreve no rol dos prodígios. Nascido em 1920, aos 14 anos recebia, com as maiores distinções, o diploma de professor de piano pelo Conservatório de Milão. Quatro anos depois, era laureado, em Bruxelas, no Concurso Eugène Isaye e, no ano seguinte, aos 19 anos, obteve o prêmio máximo, no Concurso Internacional de Genebra, entre pianistas que representavam os Estados Unidos e quase todos os países europeus. Foi nesse concurso que Cortot, membro do júri, em entrevista à imprensa, disse que, na galeria dos grandes pianistas, uma personalidade havia com a qual a de Arturo Michelangeli podia comparar-se: a de Liszt. O absoluto domínio do instrumento, o senso da forma musical e da nuança, a riqueza e a variedade de toque e sua exata adaptação ao estilo da obra executada, tôdas essas qualidades, que a crítica americana e européia não se cansou de louvar e pôr em relêvo, asseguravam ao jovem pianista carreira ímpar, entre os virtuosos da atualidade e um dos primeiros lugares na história da execução pianística. Moléstia insidiosa, porém, obsta, de um tempo para cá, que Michelangeli atenda aos contratos que aceitara.



Michelangeli.

Na temporada dêste ano, a A. B. C. incluiu-o em seu programa; a internação do artista num sanatório da Suíça cancelou sua vinda ao Rio. Michelangeli está, hoje, com 34 anos. Esperemos que a fôrça da idade e o tratamento adequado levem a moléstia de vencida e possamos ouvi-lo sem ser, apenas, em suas admiráveis gravações.

Lolo aos americanos: «O caminho de vocês não é o nosso».



Gina Lollobrigida com um ano de idade. A atriz que nasceu há vinte e seis anos, perto de Roma e é a segunda entre quatro irmãs.

GINA LOLLOBRIGIDA

A BELA INTÉRPRETE DE «PÃO, AMOR E FANTASIA» REFUTA O SEMANÁRIO «TIME» E PROVA COMO, EM MATÉRIA DE INTELIGÊNCIA E SINCERIDADE, OS DIRETORES ITALIANOS SÃO MUITO MELHORES DO QUE OS «STANDARTIZADOS» DE HOLLYWOOD

Por

GINA LOLLOBRIGIDA

(Exlusivo, no Brasil, para a REVISTA DA SEMANA)



A atriz pratica o hipismo com a idade de doze anos, no campo próximo a Subiaco. Freqüentava a escola e era aluna indisciplinada...



Casamento de Lolo com o médico Miko Skofic, em 1949. Gina ainda não era Gina, e tem ao seu lado um americano e um japonês, testemunhas.



Roma. Lolo com Alina, um cão pastor alemão, ao qual é muito afeiçoada. Um outro, que ela possuia, morreu debaixo de um caminhão.

DEFENDE O CINEMA ITALIANO

«TIME», no seu número de 16 de agôsto dedicou ao cinema italiano um artigo de cinco páginas, e a mim, pessoalmente, a capa. Dizem-me que até agora, nenhuma atriz européia apareceu na capa do «Time», reservada sòmente a pessoas importantíssimas. Tudo isto me desvanece muito. Ainda que uma boa metade do artigo seja a meu respeito, é necessário passar um pouco por cima do que ali se diz, compreendendo-se que se trata de pura galanteria. Assim é que se diz que meu nome é o mais famoso da Europa; que sou causa de graves preocupações para Hollywood; que minha beleza é perturbadora e fabulosa. Afirmo que existem não só em Roma como em Hollywood, moças e mocinhas de beleza muito mais perturbadora do que a minha. Mas de qualquer modo, sou grata ao «Time» pelo cumprimento.

E' verdade que muitos jornais da Itália, resumindo em poucas linhas aquêle artigo, deu a muita gente a impressão de que o juízo americano a meu respeito não era muito lisonjeiro, e que, talvez pela pressa da tradução, tenha parecido que «Gina Lollobrigida não tem muito talento». E que «o segrêdo do sucesso de Lollobrigida, não reside na beleza, e nem na inteligência, mas simplesmente ao fato que ela representa na Itália a primeira incarnação do tipo de estrêla hollywoodense».

Ora, penso exatamente que sou uma atriz por instinto. E isto francamente não me desagrada. O cinema, especialmente o americano, possui muitas atrizes cerebrais que sabem criar a poder de estudos personagens formidáveis. Mas existem também as atrizes «instintivas», igualmente eficazes, que se atiram bravamente ao seu papel. Trabalhei num filme com uma célebre (e eficientíssima) atriz americana. Durante a prova, era ela gelada, indiferente. Sempre imaginei que não gostava da personagem que encarnava, que em nada lhe importava a história que deveria viver. Ensaiava cada cena trinta, quarenta vêzes, estudando a mínima nuance, o gesto mais imperceptível. E a cena que melhor representava era sempre a última rodada. Sua interpretação (que finalmente demonstrou-se estupenda) era fruto de um minucioso cálculo cênico. A mim, acontecia exatamente o contrário: minha melhor cena era sempre a rodada em primeiro lugar. Enquanto a outra melhorava com as repetições, eu ia perdendo em naturalidade.

Meu sonho seria portanto saber de que modo reduzir ao mínimo a prova preliminar, e filmar a mesma pouquíssimas vêzes. O fato é que eu me apodero totalmente do personagem que devo viver, e não me separo mais dêle, como muito bem observou o «Time». Mas tenho para mim que o cinema americano (pelo menos o que conta) tem especial predileção pela atriz cerebral. O cinema italiano de após-guerra, segundo penso, desenvolveu essencialmente o trabalho da atriz instintiva (a grande Anna Magnani, «instintiva» por excelência, confirma minha asserção) «Time» escreve ainda: «O segrêdo do sucesso de Gina é que é ela à primeira aparição, na Itália, assolada, de um tempestuoso fenômeno hollywoodiano; a verdadeira «Star». Se com isso se quer dizer simplesmente que eu sou a personalidade de uma verdadeira atriz, a coisa não pode senão trazer-me prazer. Mas, como escreveram os jornais italianos, «Time» quisesse dizer que eu faço reviver na Itália o tipo de estrêla «hollywoodiana», então serei obrigada a afirmar que isto é inexato. Por exemplo, não se pode dizer que a moça que interpreto em «Pão, amor e fantasia», seja exatamente uma do tipo que faria qualquer estrêla de Hollywood. Nem se pode dizer que o seja a desesperada romana do filme homônimo de Zampa.

Segundo uma outra informação do «Time», Humphrey Bogart havia declarado pùblicamente que, em confronto comigo, Marilyn Monroe tem a graça inocente de uma Shirley Templo. Bogart, com o qual rodei um filme, é um amigo simpático, e sem dúvida pretendia fazer-me um cumprimento. Mas não tenho nenhuma intenção e nenhum desejo de rivalizar-me com a portentosa Marilyn. Se bem que reconheça à loura importância dêsse fenômeno, não pretendo usurpar a glória dêsse ídolo dos jovens de todo o mundo.

Quero dizer ainda que sou particularmente grata à ecolhida dos americanos. Pensam êles que após «Umberto D», o período áureo do cinema italiano se acha encerrado, depois de ter produzido obras primas como «Ladrão de bicicletas», «Viver em paz», etc. Esquecem-se que ainda vamos ver «Ouro de Nápoles», «A Romana» e « I Vittelloni», que atestam mais do que nunca, a vitalidade do cinema italiano.

PREVISÃO

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Corre, com insistência, nos meios radiofônicos, que o senhor Assis Chateaubriand teria convidado o senhor Vitor Costa para diretor geral de suas emissoras. Para quem acompanha o desenvolvimento do rádio brasileiro, tão cheio de quizilas patronais, esta notícia é de causar susto. Os «Diários Associados» não têm feito outra coisa, desde 1952, que não seja procurar desmoralizar o senhor Vitor Costa. Acusaram-no de desonesto, de incapaz, de aliciador oficial do govêrno, de tudo, enfim, até que o apontaram como personagem de aventura galante dentro da sala principal da Nacional. Tôdas essas acusações se perderam, por trazerem a suspeição de uma luta de concorrência, mas devem estar sangrando, como feridas, na sensibilidade do senhor Vitor Costa. O ex-diretor da Rádio Nacional (estamos certos) recusará o convite, para que os radialistas que o ajudam a fazer «broadcasting» — alguns comprometidos em sua defesa — continuem firmes e confiantes, trabalhando ao seu lado, fazendo o melhor e o mais certo, em benefício dos anunciantes e do público. Não teria a menor graça se, daqui a um mês, a Tupi anunciasse o seu novo diretor: Vitor Costa. Com o tempo, iria acontecer o que já aconteceu a 20 diretores da PRG-3: Vitor Costa seria desligado do cargo, passando a pasta ao senhor Carlos Rizzini, que sempre surgiu nas horas das substituições. Se a Tupi está precisando de um novo diretor, para uma fase de recuperação, procure o senhor Ovídio Grotera, velho batalhador da casa, homem de muita coragem e — segundo me dizem — muito querido em tôda classe. Deixe Vitor Costa em paz, com as suas emissoras bem dirigidas, no Rio e em São Paulo.

UM CASO DE CONTÁGIO

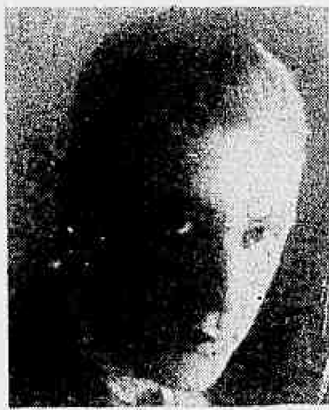
Quando Brunini apareceu no rádio carioca, sua estação era a Tupi. Nessa época, a voz de Carlos Frias estava muito em moda e Brunini chegou a ser confundido com o locutor do «Boa noite para você». Havia teimas e apostas. Uns diziam que a voz de Brunini era assim mesmo. Outros teimavam que se tratava de um caso de influência, lembrando exemplos de semelhanças outras como: César Ladeira e Sousa Filho, Oduvaldo Cozzi e J. G. de Aaráujo Jorge. Agora, depois de uma convivência quase que diária, Raul Brunini está falando à maneira de Carlos Lacerda. Quando apresenta os programas de sua candidatura, quando diz que voltou emocionado de um comício, as inflexões são as mesmas do grande jornalista. Se os leitores tiverem oportunidade de constatar essa nova semelhança, vão achar muita graça. Outro que está mudando de voz é o Longras. Quando lê os comentários esportivos, fala no tom e no ritmo de Paulo Roberto.



A convivência de Lacerda modifica o falar do nosso R. Brunini.

LITERATICE NA «GLOBO»

Tem - se destacado muito, através dos últimos acontecimentos, a reportagem da Globo. Os depoimentos dos mandatários e dos mandantes, os discursos de Carlos Lacerda, os desastres . . . tudo, enfim, tem sido irradiado da melhor maneira possível, através de um som de primeiríssima ordem. O senhor Roberto Marinho idealizou uma estação noticiosa, à base da fôlha de pagamento reduzida e, quando há notícia, sua emissora cresce de audiência. Mas, entre as reportagens realmente interessantes, entre a programação de discos quase sempre bem escolhida, surge uma crônica das 16 horas (cujo nome não me ocorre agora), que é a pior literatura do mundo. O «speaker», no tom mais «demodée» do mundo, procura falar a uma namorada, a uma mulher fantasma que, se fôsse eu, desencarnaria ao ser atingida por aquelas palavras. Os diretores da Globo precisam verificar a razão desta nossa denúncia e substituir aquêle monstrengo de sub-literatura.



O senhor Roberto Marinho idealizou uma emissora noticiosa.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Alguns diretores de outras emissoras, liderados pelo senhor Edmundo Monteiro, espalharam que o senhor Café Filho fecharia a Rádio Nacional de São Paulo. Acontece, porém, que a estação de Costalima é tão legal quanto qualquer uma das outras, tão (ou mais) útil a São Paulo que as demais. Mania dessa gente: em vez de cuidar melhor do que é seu, procura destruir o que é dos outros! ★ A Bandeirantes empenhadíssima na defesa do senhor Ademar de Barros, durante o caso dos 25 Chevrolets. ★ Na Record, o produtor português Carlos Maria de Araújo escrevendo e dirigindo os programas de Dorival Caymmi e Araci de Almeida. Na mesma Record, Alzirinha adorável. ★ Nunca mais se falou na TV Rio, filial da TV Record, a ser inaugurada no Distrito Federal. Com a mudança de govêrno e a retenção dos dólares, o senhor Paulo de Carvalho teria adiado sua invasão em terras e ares cariocas? ★ Já não se pode mais suportar tanta campanha política ao microfone das emissoras de São Paulo. Seria preferível ouvir o Capitão Barduíno. ★ As novelas da Rádio São Paulo precisam melhorar, não só na qualidade do texto, como na parte de produção. Estamos avisando enquanto é tempo: as inflexões de todos os artistas são iguais. ★ Caindo muito a programação da Cultura. Eram famosos os «shows» de discos daquela emissora no tempo de Nicolini. Agora, a qualidade está caindo. Mais amor e mais bom gôsto, senhor Osmar Campos. ★ Osni Silva mudando de voz de disco para disco. ★ E vai muito bem o maestro Guerra Peixe, em seu programa (Nacional) às quintas-feiras. ★ No mais é São Paulo vivendo seus últimos dias de Lucas Garcez. De ôlho, esperando a sorte, Ademar, Jânio, Prestes Maia e Piza. Enquanto isto, esta eleitora perde o seu título e será multada. (Informações de **Elizinha Thomaz**).

NÃO VEM NEM NADA

Carmen desistiu da viagem. Os brasileiros não gostaram disso.

A propalada notícia de um passeio da nossa Carmen ao Brasil acaba de ser desmentida por pessoa chegada dos Estados Unidos e muito ligada à «estrêla». Carmen, de fato, estava de malas prontas . . . mas, ante os últimos e tumultuosos acontecimentos, resolveu desistir. Dissera a alguém de sua intimidade: «minha terra está tão nervosa que, se chegando lá, eu me negasse a fazer um «show» em praça pública, era capaz de ser prêsa e condenada ao opróbio nacional». Nossa querida Carmen vai esperar que as coisas se transformem em «doce lago azul alhumas vêzes» . . .

ESTA LETRA É BOA

● **Deve ser celebrada como uma esperança de salvação a entrada do senhor Rubem Braga para o rol dos letristas da nossa canção popular. O maior cronista do Brasil talvez tenha querido dar uma lição ou — quem sabe? — talvez tenha trazido do seu Cacholeiro essa cantiga de amor de barcaça . . . a verdade é que sua primeira música está pronta e será gravada por Elizete Cardoso. O parceiro de Rubem Braga é Bororó, esplêndido autor de «Curare» e da «Da côr do pecado». Aqui, para quem ainda gosta da nossa música popular os versos de «Canoeiro», uma parceirada de Braga e Bororó:**

«Canoa, que vai pelo rio e lagoa
Canoa, que vai pelo mar
Me leva, canoa, no teu rumo atoa
Canoa, que não vai voltar

Me leva porque eu aqui já morri
Morri de tanto esperar
Um canoeiro que um dia chegou
Tarrafeando tarrafa de amor
Prendeu minha vida, esqueceu de soltar
E um dia sumiu pelo mar.»

«Canoeiro» será um disco e, não tenhamos dúvida, um disco bonito. Se o público não lhe esgotar as tiragens, ficará como acontecimento literário e será tocado, depois, quando se contar uma das histórias de Rubem Braga. Êsse novo compositor, de quem poderia citar trechos inteiros de crônicas, é meu conhecido desde Paris, em 1947. De lá para cá, pouco o vi e, em tôdas as vêzes em que nos vimos, perguntou meu nome. Eu, porém, que não o esqueço, quando soube de sua estréia musical, fui pedir-lhe os versos para esta publicação. A entrada de seu apartamento, quando lhe disse a que ia, perguntou-me muito sério: — A senhora é da Radiolândia?



HONESTAMENTE:

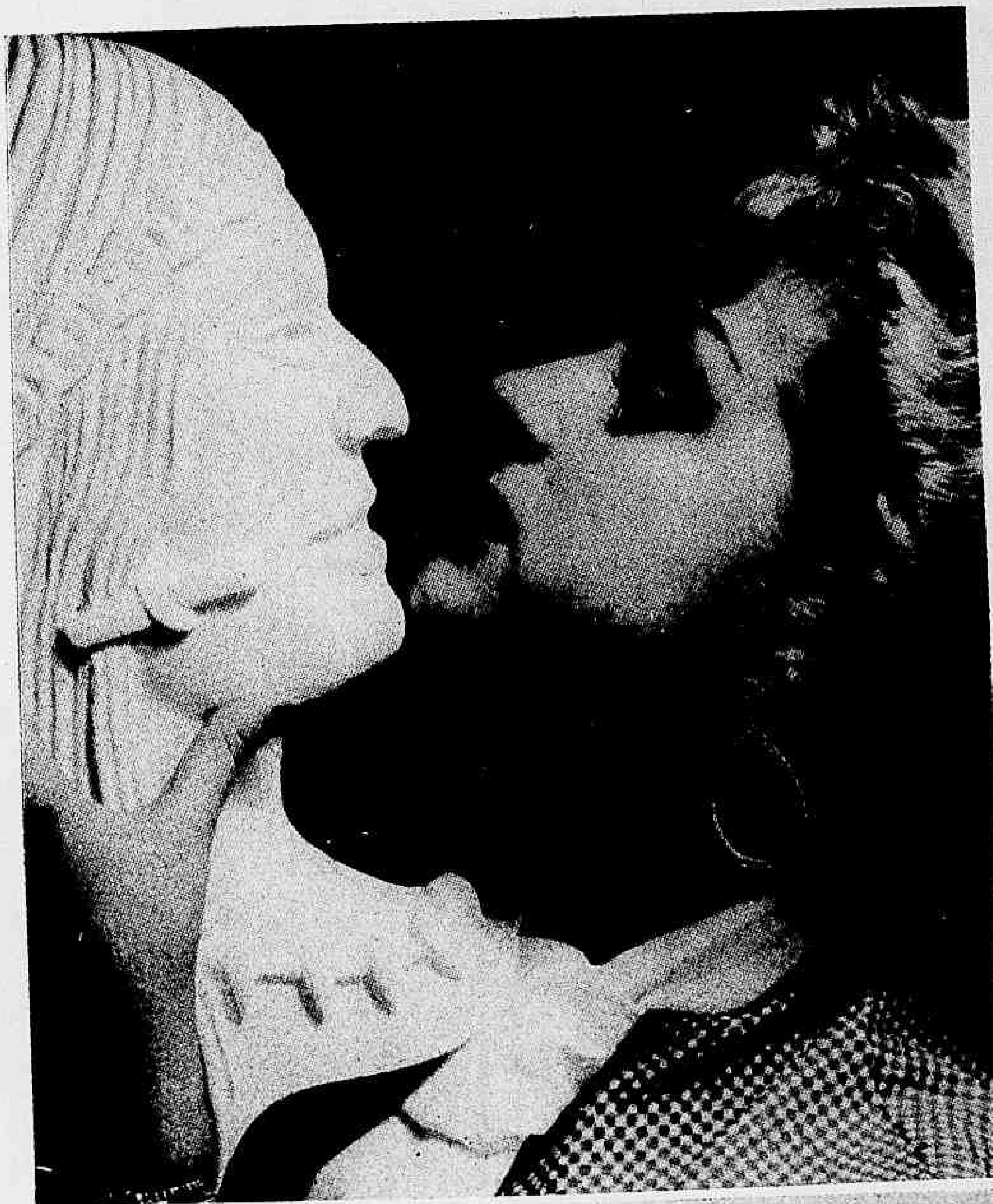
DE QUANTO MAIS (POR MÊS) VOCÊ PRECISA PARA VIVER?

Resultado da "enquête": O carioca vive com um "deficit" permanente nos seus orçamentos

NO MOMENTO em que anuncia uma era de austeridade, em que as comissões são cortadas, os empregos revisionados, os juros diminuídos, os lucros dificultados, não seria inoportuno indagar ao carioca o que êle pensa sôbre seu próprio orçamento. Possìvelmente ninguém estaria satisfeito com a organização de suas próprias finanças, e foi isto o que quisemos verificar, examinando de perto a importante questão. Ninguém, exceto uma comerciária respondeu que estava satisfeita com o que ganha atualmente — e isto é um sinal dos tempos. A verdade é que o carioca vive em permanente "deficit" e d'agora em diante, quando as coisas se complicarem, ainda terá de apertar mais os cordões da bôlsa, a fim de verificar se com mais algumas economias, consegue vencer êste fantasma que é o orçamento de cada mês...



RUBEM BRAGA
cronista
"Gostaria de ganhar por mês o que eu devo".



TERESINHA TAPAJÓS
"Girl" e modêlo, ganha Cr$ 10.000,00
DE MAIS Cr$ 20.000,00

De quanto mais (por mês)...



IRACEMA VITÓRIA
Artista e corretora, ganha Cr$ 30.000,00
DE MAIS Cr$ 20.000,00



ÁVILA
Fotógrafo de estúdio, ganha Cr$ 20.000,00
DE MAIS Cr$ 40.000,00



EDU
Instrumentista (gaita), ganha Cr$ 25.000,00
DE MAIS Cr$ 15.000,00



ROBERTO BATALIN
Ator e proprietário, ganha Cr$ 40.000,00
DE MAIS Cr$ 70.000,00



GUILHERME FIGUEIREDO
Escritor: «Se a carne estivesse a 6 cruzeiros eu não precisaria de mais nada».



LUÍS COELHO
Advogado, novelista policial de S. Paulo)
DE MAIS Cr$ 15.000,00



DOROTHY FAGIN
Atriz de cinema e buate (desempregada)
DE Cr$ 20.000,00



LÍDIO DE SOUSA
Jornalista, ganha Cr$ 15.000,00
DE MAIS Cr$ 15.000,00



ADELINO DOS SANTOS VIEIRA
Garção e proprietário, ganha Cr$ 7.000,00
DE MAIS Cr$ 7.000,00



ANTÔNIO MARIA
Cronista
DE MAIS Cr$ 20.000,00



FERNANDO SABINO
Cronista
DE MAIS Cr$ 600,00



ARACI DE ALMEIDA
Cantora, ganha 50.000,00 por mês
DE MAIS Cr$ 15.000,00



LOUIS BONFÁ
Compositor e violonista, ganha Cr$ 15.000,00
DE MAIS Cr$ 15.000,00



LUÍS JATOBÁ
Locutor e médico, ganha 32.000,00 por mês
DE MAIS Cr$ 15.000,00



RUY SANTOS
Fotógrafo de cinema, ganha Cr$ 15.000,00
DE MAIS Cr$ 15.000,00



ROSÁRIO MASULO
Engraxate, ganha Cr$ 1.500,00
DE MAIS Cr$ 1.500,00



PIETRO BELFIORE
Jornaleiro, ganha Cr$ 3.000,00
DE MAIS Cr$ 5.000,00



RITA SERAFIM DE LIMA
Cafeteira, ganha Cr$ 2.400,00 e gorgeta
ESTÁ SATISFEITA

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da

RÁDIO RECORD

• ARACI DE ALMEIDA
• CARMÉLIA ALVES
• ELIZETTE CARDOSO
• ELSA LARANJEIRA
• ESTER DE SOUSA
• INEZITA BARROSO
• ISAURA GARCIA
• NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


Dagoberto Sales


Brasílio Machado


Mário Eugênio

● SALTO GRANDE EM VIAS de conclusão. As Usinas Elétricas do Paranapanema (presidente: Dagoberto Sales) estão ultimando a construção da central de Salto Grande, que faz parte do vasto plano traçado pelo governador Garcez para dotar São Paulo de maior potencial elétrico. Sôbre o que vem realizando o atual govêrno do Estado de São Paulo na chamada «batalha dos quilowats», fato digno de registro é a rapidez da construção de Salto Grande, uma das muitas usinas que estão sendo construídas no rio Paranapanema.

● LUNARDELLI VISITA A EXPOSIÇÃO do IV Centenário. O comendador Geremia Lunardelli (rei do café e do algodão) visitou a exposição do IV Centenário de São Paulo. Dizem que, dentre tudo que lhe foi mostrado, o que mais o impressionou foram os «stands» da agricultura e pecuária, respectivamente.

● BRASÍLIO MACHADO (jornalista) NETTO, um dos ativos capitães do comércio de Piratininga, está se firmando cada vez mais na imprensa. Vários jornais do país (e alguns do estrangeiro) publicam diàriamente artigos de sua autoria.

● FALA-SE EM DEVISATE para substituir Lodi. Rumores (insistentes) circulam no sentido de que o substituto do deputado Euvaldo Lodi na Confederação Nacional da Indústria, será o sr. Antônio Devisate, atual presidente da FIESP.

● JONRALISTAS DO RIO DE JANEIRO vão homenagear Paulo Duarte, em virtude de seu desassombro em face a situação política de São Paulo. A referida homenagem consistirá num banquete de mil talheres e terá como oradores os srs. Herbert Moses, deputados Castilho Cabral, Herbert Levy e Aliomar Baleeiro. Também o jornalista Carlos Lacerda usará da palavra.

● FIADO SÓ AMANHÃ... Esta nos foi contado pelo deputado Amaral Furlan (Assembléia de São Paulo) em presença de diversos amigos, entre êles o deputado Mário Eugênio: Estando o deputado Conceição Santamaria em campanha eleitoral pelo interior do Estado (exploração do cadáver de Vargas) teve vontade de tomar um cafèzinho, o que fêz num bar de Capivari. Acontece que, na hora de pagar, verificou a representante petebista ter esquecido sua bôlsa no carro. Com o desembaraço que lhe é peculiar, solicitou ao garçao que esperasse um pouco, pois iria até o automóvel buscar a importância devida (Cr$ 1,00). O homem não concordou, o que levou d. Conceição a reagir com o clássico «sabe com quem está falando?». E foi aí que mereceu a seguinte resposta: «Sei e é por isso mesmo. Imagine que se um deputado, que ganha bem, me der o «beiço», o que não farão os pés rapados que freqüentam o meu bar?»

● AS GRAVATAS DO DEPUTADO EMÍLIO CARLOS. Sôbre o pleito que acaba de se ferir temos para contar o que sucedeu ao deputado Emílio Carlos, que apostou nada mais nada menos que 47 gravatas no resultado do mesmo. Assim procedendo, acreditava-se estar o representante do PTN certo da vitória de seus candidatos, porém podemos afirmar com segurança que o mesmo foi surpreendido pelo sr. Moura Andrade, dia 27 p.p., adquirindo as referidas gravatas...

ESSA história é verídica e impressionante. O sr. Manuel Tenório, conhecido e acreditado boiadeiro de Quebrangulo, Alagoas, possuía um cachorro chamado «Capucho», que só faltava mesmo falar. Além de amigo inseparável, era um auxiliar disposto e dedicado. Para arrebanhar qualquer boiada de uma para outra parte, seu dono não precisava de um vaqueiro sequer. «Capucho» valia por dez homens e dez cavalos. Uma rez não tresmalhava sem que o cão vigilante não a devolvesse prontamente ao grosso da boiada.

Manuel Tenório podia dormir ao relento, a qualquer hora do dia ou da noite, que ninguém se aproximava para lhe perturbar o descanso. «Capucho» ali estava como sentinela, atento ao mais leve movimento ou rumor. Seu dono o estimava com todos os recursos de uma longa e maciça afeição.

Certo dia o boiadeiro foi comprar uma grande boiada e para isso levava nos alforges um grosso volume com vultosa importância em dinheiro. Meio-dia em ponto, apeou-se à sombra de uma árvore para fazer o seu repasto e descansar seu cavalo. Ao retirar dos alforges a provisão de carne assada, queijo e rapadura, pôs o embrulho de dinheiro numa forquilha da árvore. Ao pender do sol, já refeito, encilhou o animal, montou e seguiu. O cachorro, porém, ficou no local onde há pouco repousara seu dono. O boiadeiro estranhou aquela cena, que sucedia pela primeira vez. Chamou o cão, mas êste não o acompanhou, permanecendo ganindo e espoliando em tôrno da árvore.

Intrigando com a cena, o boiadeiro deu novamente rédeas ao cavalo, na esperança de que «Capucho» o seguiria. Quando viu seu dono desaparecer na curva do caminho, «Capucho» o perseguiu em louca disparada, e tomando-lhe a frente, aos uivos, pulando e mordendo o focinho do cavalo, despertou no boiadeiro a desconfiança e tristeza de que seu estimado cão estivesse hidrófobo. Tentando inùtilmente transmitir ao homem a sua intenção — e certamente quase enlouquecido, pela angústia de não saber falar — «Capucho» voltou novamente correndo, para o tronco da árvore, onde con-



O CACHORRO DO BOIADEIRO

ROGACIANO LEITE

Desenho de ZALUAR

tinuou ladrando por alguns minutos. Embora apreensivo, o sr. Tenório prosseguiu sua marcha, ainda crente de que seu cão o acompanharia, logo mais. Ia já muito longe quando «Capucho» se aproximou pela segunda vez, repetindo ainda com maior intensidade a cena que há pouco ensaiara. Em uivos alucinantes, o cão avançou contra o cavalo e, alcançando a mão do cavaleiro, chegou mesma a abocanhá-la sem, no entanto, cravar-lhe os dentes.

Certo de que seu cachorro estava hidrófobo, o sr. Tenório embora transido de pena, sacou do revólver e alvejou «Capucho» com um tiro certeiro. Ferido e cansado, o animal deu um uivo e, lançando um último olhar a seu dono, volveu, a galope, ao tronco da árvore. Com lágrimas nos olhos, ao ver o cão desaparecer na curva do caminho, o sr. Tenório resolveu segui-lo até o local onde caísse morto.

Recostado ao tronco da árvore em cuja sombra descansara há pouco, «Capucho» acabava de morrer. E, um pouco acima do seu cadáver, na forquilha da árvore, estava o embrulho de dinheiro que seu dono havia esquecido.



● Robert Burle-Marx é, sem favor, um dos nossos melhores artistas modernos. Sua ação, que a cada momento se torna mais profunda, não se limita ao simples campo da pintura. Homem de sete instrumentos, Burle-Marx idealiza azulejos, desenha jardins, inventa tecidos, arma ramalhetes para casamentos e batizados. Conseguiu, com prestígio e talento, tornar-se uma espécie de «engant-gaté» de nossa alta sociedade. Isto seria mau para um artista, se Burle-Marx não fôsse visceralmente um artista. Seu renome como jardinista igualou ou mesmo ultrapassou seu nome de pintor: hoje, não há quem deixe de reconhecer seus tufos de plantas, suas pedras e suas palmeiras — tudo tão característico quanto um estilo de pintura. E não é só isto, para os íntimos, Burle-Marx ainda reserva algumas surprêsas: canta, dança e representa. Não sabemos bem se tudo isto pode ter êste nome, mas produz êle uma espécie de «show» em que se movimenta e grita, imitando línguas exóticas e até mesmo personagens conhecidos. A êste talento histriônico, o pintor costuma dar muita importância, afirmando: «Não há dúvida, possuo notável talento dramático». Vê-se assim que o homem goza saudável bom-humor, o que evidentemente é responsável por grande dose de sua simpatia pessoal, já constadada aqui e no estrangeiro, pois Burle-Marx é espontâneo e não se inibe nunca — o que é sempre um sinal de autenticidade.

BURLE MARX

"A ARTE É COISA DE ELITE"

O PINTOR É HOMEM DE SETE INSTRUMENTOS ★ VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS ★ A ARTE É IMPULSO CONTROLADO ★ DOSTOIEWSKI MARCOU UM LUGAR EM MINHA VIDA

Reportagem de ALDNEY PEIXOTO

Ping — Como começou a fazer jardins?

Pong — Desde pequeno sofri a influência de plantas: morava numa casa com vastos jardins.

Ping — Como foi feito seu primeiro jardim?

Pong — Numa casa arquitetada por Lúcio Costa e Warchawsky.

Ping — E seu primeiro jardim público?

Pong — Foi em Pernambuco, em 1934, o da Casa Forte.

Ping — Reconhece nêles alguma influência?

Pong — Estão nitidamente ligados à obra de Oscar Niemeyer, Eduardo Afonso Reidy, Rino Levi e Jorge Moreira.

Ping — E qual foi o mais importante jardim que já fêz?

Pong — Considero vários importantes: a Pampulha, por exemplo. O de Pedregulho. Também quero destacar o de Válter Moreira Salles e o de Odete Monteiro, que me permitiram as mais amplas possibilidades.

Ping — Alguma recompensa oficial?

Pong — Valeram-me o prêmio da Bienal de São Paulo.

Ping — Tem uma idéia definida sôbre arte?

Pong — A de que em arte o artista não deve ter preconceito e procurar livremente o meio de se expressar em linguagem plástica.

Ping — E...

Pong — E' o único modo de fazer a crítica e a posteridade constatar o que foi feito, de outro modo seria impingir ao artista e maneira pelo qual êle deve se externar.

Ping — Quer dizer que o artista deve viver em democracia absoluta?

Pong — Exato. E não se submeter a um regime ditatorial.

Ping — E sôbre a arte norte-americana?

Pong — O defeito norte-americano é a preocupação de agradar à massa.

Ping — Quer dizer...

Pong — Deve-se elevar o povo a uma educação maior — e não cingir o artista à massa inculta. A arte é coisa de elite.

Ping — E os norte-americanos conhecem a arte brasileira?

Pong — E' muito conhecida.. Há mesmo quem acompanhe a evolução artístico-brasileira com muito interêsse.

Ping — Pode dar um exemplo?

Pong — Pois não: o sucesso do filme «O cangaceiro».

Ping — E noutro terreno?

Pong — Nossa arquitetura é muito apreciada, principalmente a desta nova geração.

Ping — Podia precisar um pouco mais?

Pong — Falo sôbre esta geração que está se utilizando muitíssimo do abecedário moderno, sem querer ter o trabalho de estudar e se encontrar no esfôrço pessoal.

Ping — E o remédio para isto?

Pong — Há necessidade de uma crítica mais revera em tôrno da obra que se está realizando, a fim de que não permaneça ela apenas na aparência.

Ping — Quer dizer alguma coisa especial?

Pong — Sim, e ainda sôbre arte. E' um pensamento meu que quero deixar patente.

Ping — Pode falar.

Pong — A arte é impulso controlado, e não improvisação. Em arte é preciso que haja dominante e dominada, capacidade de seleção — inteligência, enfim.

Ping — E' pois contrário à improvisação?

Pong — Completamente. Repito: arte é impulso emitido, controlado e relacionado.

Ping — Antes de terminar poderia falar ainda sôbre suas predileções e influências?

Pong — Em pintura... ou literatura?

Ping — Em ambas.

Pong — A sério, em pintura não há nada e nem ninguém que eu admire mais do que Picasso. Braque, certamente. Matisse também. E em literatura, Dostoiewski marcou um lugar importante em minha vida.

Ping — E sôbre seus planos?

Pong — Pouco tenho a dizer. Os de agora, são os mesmos do futuro.







BURLE MARX: «A ARTE É IMPULSO CONTROLADO, E NÃO IMPROVISAÇÃO. EM ARTE É PRECISO QUE HAJA CAPACIDADE DE SELEÇÃO».



A filha do baronete vestirá o costume da tribo: Peggy Cripps e Joseph Appiah com seu filhinho de dois meses, preparam-se para morar na Costa do Ouro.

"A FELICIDADE NÃO TEM CÔR", AFIRMA PEGGY CRIPPS APPIAH

UM CASAMENTO ABALA LONDRES

CASANDO-SE COM O ADVOGADO NEGRO, DA COSTA DO OURO, A FILHA DE STAFORD CRIPPS DEU O MELHOR EXEMPLO AOS FILIADOS À SUA «UNIDADE RACIAL» ★ O MARIDO NÃO É MAIS POLÍGAMO.

NA elegância tranqüila da casa paterna, a senhora Peggy Appiah, filha do defunto Sir Stafford Cripps, trata do seu filho de dois meses e prepara-se para a grande aventura: dentro de poucos meses, quando o garôto puder suportar os rigores de uma longa viagem, irá instalar-se com seu marido na Costa do Ouro, o africano Joseph Appiah.

Descende ela de uma antiga família aristocrática, filha de um homem que no Reino Unido se distinguiu durante tôda a vida em vários terrenos: como químico, advogado, administrador público e pensador político. Conta hoje a idade de trinta e dois anos, tendo sido educada num ambiente de prosperidade e de cultura. E apesar de tudo isto, seu matrimônio com o negro Joseph Appiah, filho de um funcionário africano da Costa do Ouro surgiu como um passo natural mais fácil de ser transposto do que se tratasse de inglêsa de origem humildo. Ela foi não só criada com a profunda idéia da fraternidade e da igualdade de todos os homens, como o exemplo paterno mostrou-lhe continuamente como não basta se ter uma idéia, mas é necessário praticá-la, a despeito de qualquer respeito humano.

Sir Stafford abandonou uma carreira científica prometedora para dedicar-se à luta política, segundo os ideais expressos no seu livro «Para uma democracia cristã». Sua intenção foi das mais honestas: queria demonstrar as possibilidades infinitas da instauração do rei-

no de Deus sôbre esta terra. Filho de Lord Parmoor, abandonou o próprio ambiente para ingressar no Partido Trabalhista; para isto, sacrificou uma renda de quase 40.000 esterlinos que desfrutava como um dos representantes máximos da advocacia inglêsa, entregando-se aos altos e baixos da carreira política. «Quando cresceres, deixou escrito ao filho, a mãe de Stafford Cripps, morta cedíssimo, lembra-te que há tanta e tanta coisa por fazer, e não se deve acreditar noutra coisa, senão que Deus só nos deu fôrças para contribuir para a melhoria do mundo.». Sir Stafford nunca mais esqueceu essas palavras.

Aos vinte anos, Peggy Cripps viajou com sua mãe, Lady Isobel, pela China inteira: fora algumas damas dedicadas das Missões, nenhuma outra européia conheceu tanto aquêle país quanto elas duas.

Regressando à Pátria, Peggy dedicou-se a uma organização mundial que se chama «Unidade racial», inspirada nas opiniões do historiador Toynbee, que encontrou no preconceito racista o motivo de muitas falências da civilização liberal. Foi durante êste gênero de trabalho que encontrou seu atual marido, estudante de direito e representante pessoal de Dottor Nkrumah, o primeiro negro que se tornou Primeiro Ministro numa colônia britânica.

A Costa do Ouro, na África Ocidental, colônia britânica desde 1844, recebeu sucessivos favores daquele Império. Território imensamente rico em ouro, diamantes e outras pedras, é no mundo o maior exportador de cacau, e segundo, só lhe antecede a Rússia, na exportação do manganês. Esta colônia, povoada quase exclusivamente de negros, está financiando o Commonwealth britânico; hoje, em tôda a colônia, a Costa do Ouro é a mais próxima de se tornar Domínio Independente. No seu Conselho Legislativo, figuram 76 africanos, e 9 europeus. Londres sempre tratou a Costa do Ouro com dedos de veludo. A Rainha Vitória firmou um contrato com os indíge-

★

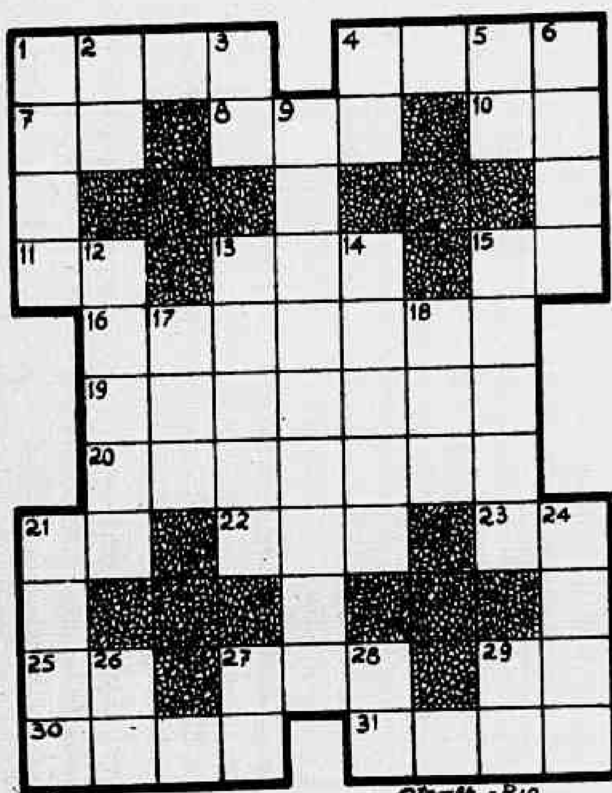


Eis o feliz casal no dia das núpcias, levadas a efeito há um ano atrás, em Londres. O elemento escuro predominou, como se verifica.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 35

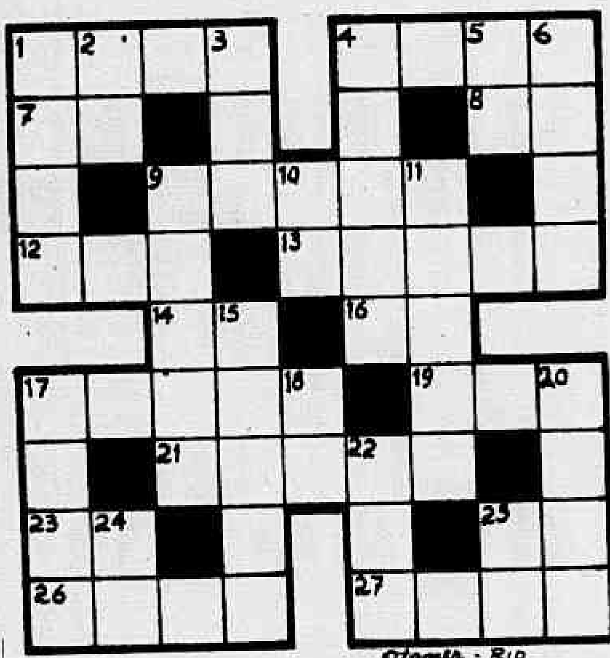
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Ave doméstica — 4. Coisa sem realidade — 7. Preposição — 8. Espécie de maçã vermelha — 10. Símbolo do metal de pêso atômico 167,64 — 11. Prefixo que denota oposição — 13. Pequeno rio da Polônia — 15. Deusa cultuada na Capadócia — 16. Espécie de maracanã — 19. Ralo — 20. Cheia de água — 21. Designação de qualquer divindade escandinava — 22. Essência de terebentina — 23. Variedade de melão — 25. Preguiça — 27. Sente — 29. Coisa sem valor — 30. Planta têxtil asiática — 31. Cabanas.

VERTICAIS: — 1. O que eleva o espírito — 2. Sufixo designativo de diminuição — 3. Desinência peculiar a alguns substantivos que no masculino terminam em ão — 4. Nota musical — 5. Parafuso que prende a lâmina da faca ao cabo — 6. Língua falada em Orixá — 9. Desprezível — 12. Indígenas do rio Tiquié — 13. Penetrar — 14. Que tem ousadia — 15. Espreitar — 17. Filho de Hezron, ascendente de Davi — 18. Juiz de Israel — 21. Vincular — 24. Senhores — 26. Seguia — 27. Variação pronominal — 28. Grande quantidade — 29. Onomatopéia do choque de corpos.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 4. Aparência — 7. Seguir — 8. Preposição — 9. Sarraceno — 12. Quer bem — 13. Divisões de um caule — 14. Basta! — 16. Sorri — 17. Ligara — 19. Possuir — 21. Sobra — 23. Pronome oblíquo — 25. Forma do artigo o — 26. Rezas — 27. Capital do Peru.

VERTICAIS: — 1. Fogueira onde se queimavam cadáveres — 2. Brisa — 3. Argola — 4. Enrubescer — 5. Nota musical — 6. Senhores — 9. Assassinar — 10. Pátria de Abraão — 11. Suprima, olvide — 15. Medida de uma superfície (pl.) — 17. Elevado — 18. Pessoa exímia — 20. Nome comum a todos os pequenos columbiformes — 22. Sinal gráfico — 24. Símbolo do érbio — 25. Preposição.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 34

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — **aléu — frei — resfriado — eu — áia — id — uca — ato — oxiopia — ir — an — alarida — cró — Ara — od — mar — im — pedimento — ária — sair.**

VERTICAIS: — **aréu — leucó — és — ufa — fia — ra — edita — iodo — rito — áxilo — ainda — ira — pai — arder — riam — ariti — copa — amor — mia — rês — di — Na.**

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **arma — beco — má — rua — ar — murro — ria — árias — ata — Ari — usara — asa — ralar — as — mar — ló — sete — atar.**

VERTICAIS: — **amar — Ra — aru — barra — cá — oras — ura — matar — oirar — ias — ais — arame — uvas — ala — amor — ara — Só — lá.**

Um casamento abala Londres



Joseph Appiah estudou direito em Londres, e representou lá o primeiro Ministro de sua terra natal.

nas, que proibia aos brancos a aquisição de terrenos. O mineiro vive num regime não de propriedade, mas de concessões. Hoje, nenhum branco pode imigrar para a Costa do Ouro e lá trabalhar sem permissão especial. Os poucos brancos que existem lá são funcionários governamentais. O último censo declara uma população de 4 milhões de habitantes, mas — afirma Joseph Appiah — nossos indígenas não forneceram uma cifra exata.

Era um censo inglês, e nossa gente temia uma complicação com os brancos. E' provável que ao menos dois milhões de pessoas tenham-se subtraído ao cômputo.

Um têrço da população é cristã, metodista como Joseph Appiah ou católica como o Primeiro Ministro. Os muçulmanos são em número de 4 por cento. A maioria é pagã, fetichista ou animista. Um sexto da população sabe ler e escrever. Antes de decidir-se ao matrimônio, Peggy Cripps estudou a região durante três meses. Logo que voltou a Londres anunciou enfàticamente seu noivado.

«Já tenho lá muitos amigos caros» — afirmou. Peggy fala de um modo quase racional e concreta, sem nenhuma suspeita de esnobismo. Indagamos se ela usaria o traje indígena. «Certamente, respondeu. Começarei a usá-lo assim que voltar à Inglaterra, só o abandonando nas ocasiões solenes. E' um traje muito belo e pode ser usado durante todo o dia».

A roupa é de sêda pesada, entremeada de fios de prata. O casal viverá numa casinha de cimento perto de Accra, e trabalhará na lavoura. Tôdas as mulheres da Costa do Ouro trabalham na lavoura, disse ela inda.

— E quem se ocupará da criança ou possìvelmente das crianças? Segundo a convenção na Costa do Ouro, um grande número de filhos é questão de honra.

— Outras pessoas virão comigo para Accra, respondeu Peggy Cripps, inclusive parentes.

Em seguida Peggy Appiah esclareceu que não se propõe mandar os filhos estudar na Inglatérra, mas que deixará que sua educação se efetue mesmo em Accra.

Por último, falamos com o próprio Joseph Appiah. E à guisa de conclusão, êle nos esclareceu:

— Apesar da poligamia ser usual na Costa do Ouro, minha intenção é de ser absolutamente monogamo. Estou satisfeito com a mulher que escolhi e a ela serei fiel.

SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW

DUAS ESTRÊLAS

PAULO SOLEDADE

● O RIO ESTA VIVENDO os seus melhores momentos teatrais. Desde o fechamento dos cassinos não se observava tanto movimento no teatro musicado. Na praça Tiradentes «Esta vida é um Carnaval» e a Cia. Francesa do Follies Bergère, enquanto Válter Pinto se prepara para estrear em meados de outubro. Em Copacabana «Muito vedette» no teatrinho Jardel e «Mas . . . muito mesmo» no Follies. No Golden Room do Copacabana estreou o «show» duas vêzes adiado «Fantasia e Fantasias». No Casablanca, embora caducando continua «Satã dirige o espetáculo». No Beguin com grande êxito «No país dos cadilacs». Em Madureira Zaquia Jorge também mudou o seu espetáculo. Assim vimos vivendo uma fase excepcional. Quaisquer que sejam as falhas dessas realizações convém ressaltar o espírito empreendedor dêstes empresários, a dedicação dêstes artistas e a participação dêste público que tem prestigiado com a sua presença tôdas estas casas. Comentarei as estréias do Teatro Follies e do Golden Room do Copacabana.

● «MAS . . . MUITO MESMO» é um espetáculo com a construção especial que Zilco Ribeiro vem imprimindo ao seu teatrinho. Sabedor dos poucos recursos técnicos e financeiros que o Follies lhe oferece, êste dedicado empresário criou uma modalidade tôda sua para produzir pequenas revistas cujo sabor e interêsse constituem o seu principal fator de sucesso. Sem poder manter um grande elenco, é no texto de Meira Guimarães e Zilco Ribeiro, bem dosado e melhor defendido pelos artistas, que «Mas . . . muito mesmo» tem a sua melhor parte. O palco um pouco vazio em determinadas cenas, a repetição constante de cortinas dá o aspecto de um desfile de atrações que resiste bem só porque os artistas sabem se defender da falta de apoio que, embora prevista pelo produtor, coloca-os em situação de maior responsabilidade. Assim Consuelo Leandro na sua extraordinária fase mostra sua enorme possibilidade excedendo-se no quadro Paquetá, obra-prima de interpretação. E ninguém sabe progredindo desta maneira onde a já madura vedeta cômica poderá chegar. Grandes recursos e talento fora do comum mostrou Consuelo Leandro neste quadro e nas outras vêzes em que aparece em cena. Rui Cavalcânti tem um bom momento no quadro Yemanjá, dentro do espírito do «music-hall» apenas pela forte interpretação imprimida. Perigoso na sua concepção atingiu a sua finalidade. Ankito também foi jogado em cortinas, sendo que com um texto menos feliz conseguiu manter o espetáculo dentro de um bom nível sobressaindo no entanto quando se apresenta como acrobata cômico, papel de realização muito mais difícil e que prova sua real capacidade. Gostaria mais de vê-lo juntamente com Consuelo Leandro em «sketchs» no gênero dos da peça anterior (Doll Face). Os bailes de Norbert e Dina Nova bem pensados e todos de bonito efeito. Janet Jane, que já conhecíamos do «show» «Inflação de mulheres» no Night and Day, não tem muita chance, podendo-se ver no entanto suas grandes possibilidades. Canta com boa interpretação, voz e gestos, movimenta-se com naturalidade e tem ótima figura. Ainda jovem é uma promessa. Anilsa Leony, vedeta também em formação, graciosa como sempre, está bem em «BOING» e sem maior interêsse em «TELEFONEMAS» (o texto mais fraco da peça), como Janet Jane poderia ser melhor aproveitada. Ivaná ainda consegue bons resultados apresentando-se em «travesti», pela sua grande experiência de teatro musicado e bonito guarda-roupa. No quadro «BAILARINAS» consegue a melhor impressão dançando em ponta com alguma técnica. Agildo Ribeiro, em progresso, tem um texto demasiado longo no prólogo cujo maior mérito é a apresentação de um cenário rotativo, que resolveu bem as necessidades da «mise-en-scène». Fernanda Villamayor um contraste desagradável para as outras meninas do elenco, quase tôdas principantes e um pouco desajeitadas. César Siqueira no piano procurando suprir a falta de outros músicos (só existe um baterista além dêle). PROLETARIAS DOMÉSTICAS um «sketch» cômico nos moldes do que o público prefere assistir. Não fôra o excesso de cortinas (total de sete em vinte quadros) individuais, o que faz com que se pense estar o espetáculo um pouco despovoado, poder-se-ia considerar «MAS . . . MUITO MESMO» uma peça perfeita para as possibilidades do teatro Follies.

● «FANTASIA E FANTASIAS» afinal estreou e essa demora contribuiu um pouco para não se achar o «show» tão bom, talvez. O fato de ser o primeiro espetáculo que o Copacabana apresenta depois de alguns anos, porque não podemos considerar o desfile das «Blue Bells» Frakson e Monique Tibault pròpriamente como um «show» montado, fêz com que o público do «golden-room» esperasse mais. Nina Vertchinina não foi suficientemente utilizada embora tudo que tenha partido dela traga a marca do seu grande talento. No primeiro quadro, enquanto estão todos do conjunto de baile em cena é bonito e mostra um grande esfôrço, sabendo-se o quanto é difícil reunir um grupo de bailarinas dançando bem com boa apresentação pessoal. Leda Yuqui em boa forma com um figurino rico porém sem efeito e fora do espírito do quadro. Ótima coreografia e muito boa interpretação de Ruth Lima pela primeira vez dançando em buates. Estranhou um pouco na estréia mais deverá sair-se bem para o futuro. O ponto alto da coreografia de Nina Vertchinina está na dança dos palhaços (originalidade) onde creio ser Denis Gray um dos que mais se destacam (estão com o rosto encoberto por uma máscara). O figurino dêste quadro também é de grande efeito, juntamente com os do quadro «INFERNO», cujo cenário resulta num bom conjunto. Vinte e nove minutos é a duração do espetáculo sem que se perceba no entanto que é tão curto devido ao ritmo imprimido, que é ótimo, excetuando-se o quadro «PARAÍSO» demasiado longo. Surpreende a transição para assuntos de Carnaval antigo, não só por não haver sido preparada esta apresentação como por ser um pouco extemporâneo. Enfim o público do Copacabana aceitou e aplaudiu «FANTASIA E FANTASIAS» mas esperava algo melhor. Os Cantores Marlene e Qu[illegible] Ázes e um Coringa, bem como Luís Bandeira, Carlos Augusto, Lana Bitencourt, Cláudia Morena e Marisa completam o «show». Marlene com uma entrada da qual só uma vedeta poderia tirar partido, é a principal figura. Idéia da escada iluminada fora do ambiente do Copacabana (embora a própria já tivesse sido utilizada por aquela casa em tempos passados) e uma gaiola que possivelmente foi emprestada de Carlos Machado porque é muito a seu gôsto. «Mise-en-scène» primária, sem nada de novo, com um sistema que já foi tentado por Silveira Sampaio («Pif-paf, edição extra») procurando desviar a atenção do público para os praticáveis laterais que não se recomenda, e iluminação sem grandes benefícios considerando-se as possibilidades técnicas do «golden-room». Falta de unidade na idéia que consiste em um título inexpressivo. («FANTASIA E FANTASIAS), um seguimento pobre, (Paraízo, Inferno e sem razão de ser, Folia) poderia ser arrematado no último ato (se é que assim se pode chamar) com Jacarepaguá, Doce de Côco, ou Parafuso. Paraíso, Inferno e SEJA O QUE DEUS QUISER também não seria mal. Apesar dos pesares é um espetáculo bonito para ser visto, bem movimentado, e que a proporção que se aproximar o Carnaval deverá angariar mais público. Meninas bonitas, desfilando bem em grande quantidade. Deixarei para fazer uma especial menção à seleção das músicas do «show», não considerando muito às de Carnaval antigo naturalmente, mas sim às clássicas escolhidas para os bailes, bem como a excepcional orquestração do maestro César Siqueira que é realmente o que de melhor possui «FANTASIA e FANTASIAS».

O ASSUNTO BRASILEIRO

Pode parecer jacobinismo esta mania que o cronista desta página tem de exaltar os assuntos nacionais para espetáculos musicados, mas se quisermos observar as reações do público diante dêste problema verificamos que o maior «show» de buate, e também o de melhor aceitação nestes últimos tempos foi indiscutìvelmente «ESTA VIDA É UM CARNAVAL», que o Casablanca apresentou recentemente. Que Dorival Caimmy, Noel Rosa, Ari Barroso também foram assuntos explorados por êsse gênero de espetáculos, todos bem recebidos e que o atual sucesso da buate Beguin, se bem que conte em grande parte com o talento do autor e diretor Silveira Sampaio, tem como principal fator de êxito o assunto genuinamente nacional. E a explicação não é difícil. Sendo muito mais fácil de se estabelecer contato direto entre a representação e público, os «shows» brasileiros, quer pela música, quer pelos motivos dos quais nos identificamos imediatamente constituem sempre uma atração para as platéias já saturadas de Dança do Fogo, de Granada, das evocações de Paris na Belle Epoque, da Matinata de Leoncavallo, do Parla-me demore Mariu dos tenores mexicanos que tiveram sua época, enfim de tudo que constitui assunto obrigatório nos espetáculos musicados dêstes vinte anos. E talvez seja também a novidade, o que faz com que o público brasileiro e estrangeiro encontre tanto sabor nos espetáculos com assuntos nossos.



ÍRIS DEL MAR, Dorothy Faggin e Rosinha Lorcal três beldades das noites do Rio, atrizes do nosso teatro musicado.

●

Conforme tivemos oportunidade de prever, foi vaiada pelas galerias do Teatro Carlos Gomes uma moça muito interessante, que era modêlo e se transferiu para o «music-hall». Foi mal colocada num dos quadros de «ESTA VIDA É UM CARNAVAL» e o público reagiu. A moça ficou muito triste e foi substituída pela linda Norma Tamar que não é tão tola a ponto de aceitar um número de canto sem estar preparada para isso. É lamentável por parte do público e mais ainda por parte do diretor que se não havia adivinhado, deveria ler o que escrevemos com a devida antecedência a fim de evitar êste desagradável incidente.



Apesar de apresentar as bailarinas semi-despidas 2 vêzes, durante o espetáculo, o público prestigia o «show» do Beguin.

SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW



Mais econômicos, mais práticos, os "maillots" de 1954 são os preferidos pela mulher elegante.



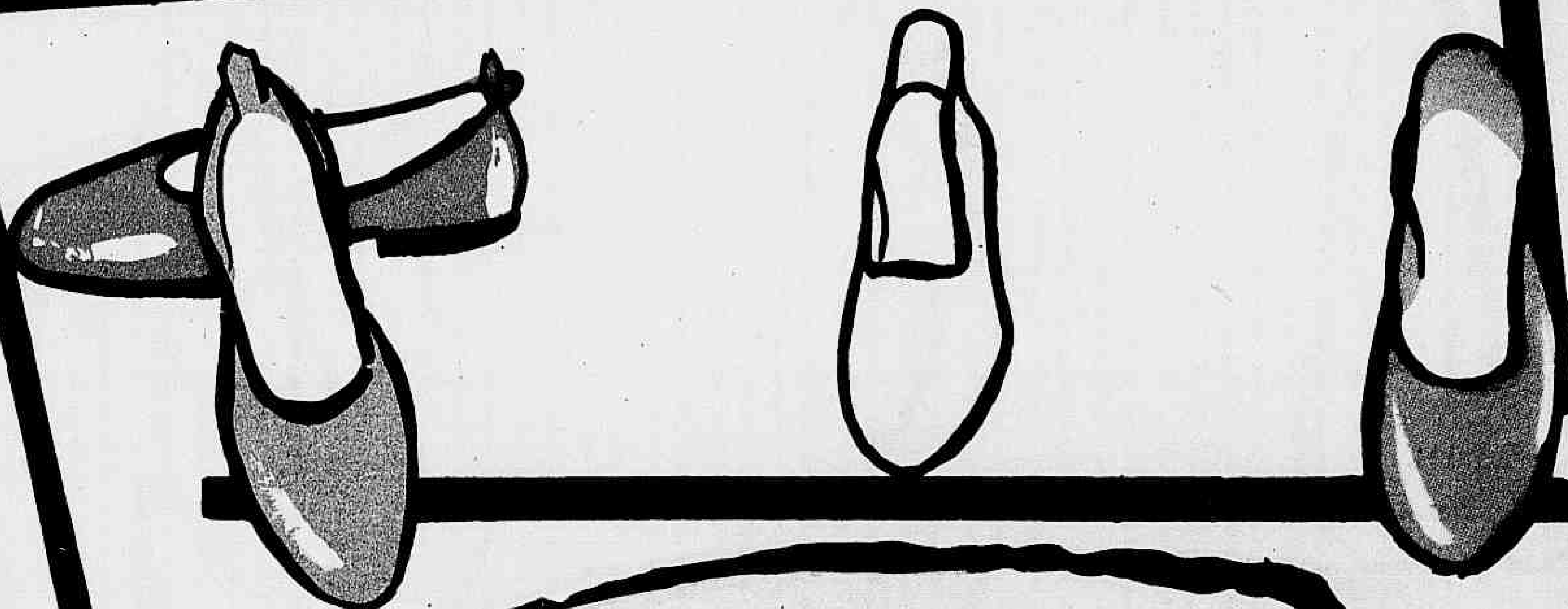
Sweter em jersey prêto e saia em nylon. Hubert de Givenchy

Os so... confô... altas... mulh... Estes... qualq... espo...

OUSADIAS E SURPRÊSAS NA NOVA LINHA

Texto de MARINA SALLES — *Desenhos de LAURITZEN [illegible]*

Os sapatos fazem o confôrto das mulheres altas e o desespêro das mulheres pequenas. Êstes acompanham qualquer "toilette" esporte.



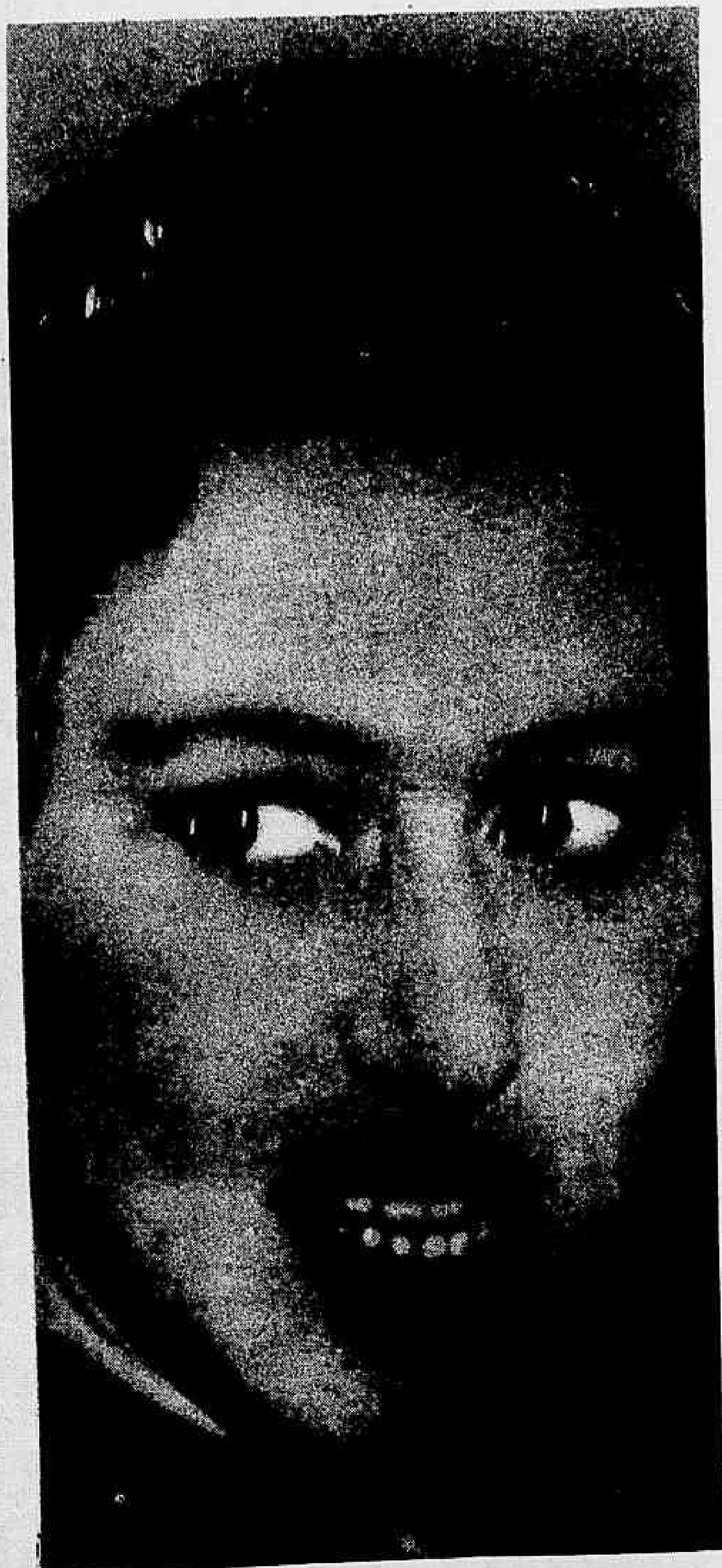
E as listas continuam. "Tailleur" de extrema simplicidade cujas listas, em azul "nuit" e cinza pálido, dão beleza ao modêlo.





O chapèusinho "canotier" não pode faltar no guarda-roupa de uma mulher chic.

Por êsse Mundo de Deus



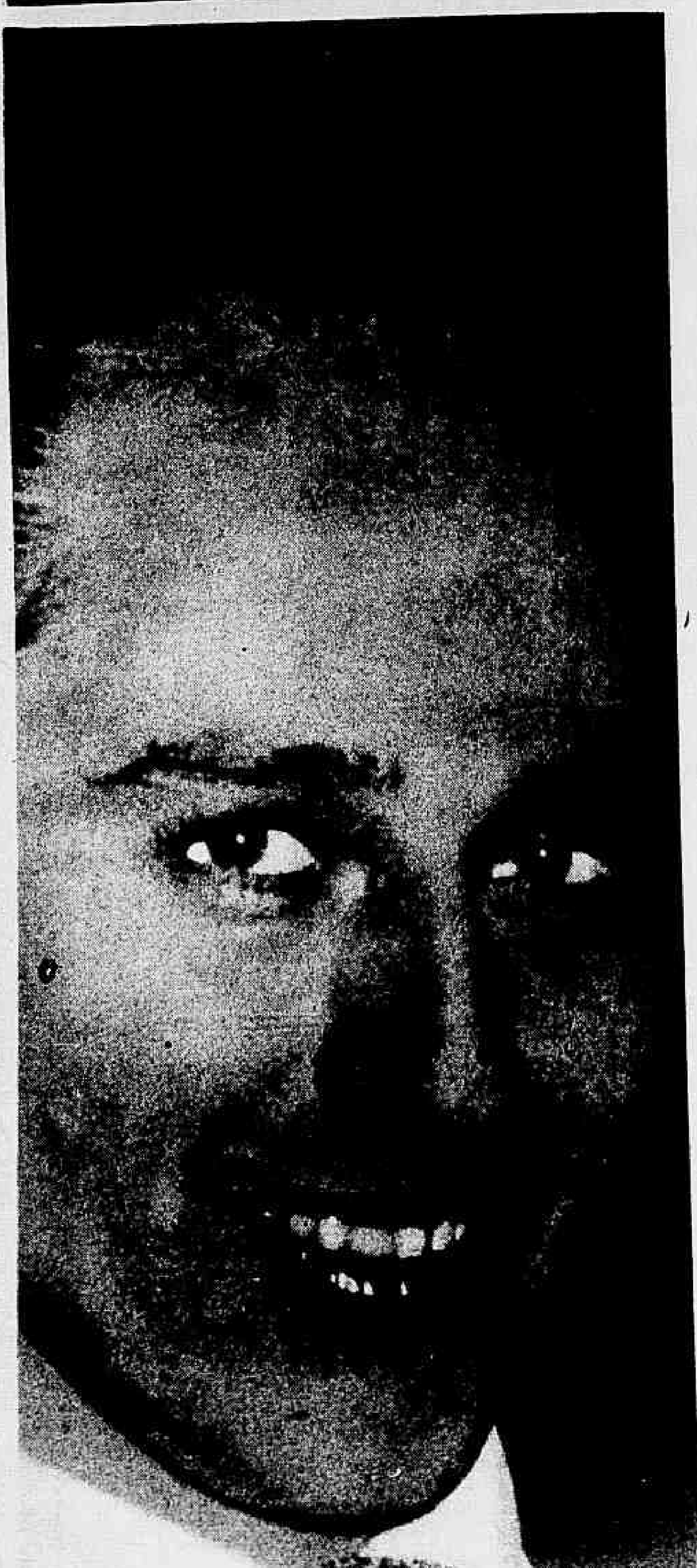
SERÁ VERDADE?

Êste rapaz, Colin Tennant, é descendente de camponeses escoceses e mora numa região selvagem de Peebleshire. Pois bem, a princesa Margaret, que se vê na outra foto, foi lá visitá-lo. Êle já pagou esta visita, indo a Balmoral, onde ela mora. Resultado, todo mundo na Grã-Bretanha pergunta: irão se casar? Talvez.

MARLENE ETERNA

Esta é a vovó Marlene Dietrich que abraça ternamente... um garôto cego. Solicitada a patrocinar um «garden-party» em favor de ceguinhos natos, anulou todos os seus encontros para participar desta festa que traria a felicidade a centenas de crianças que jamais poderiam ver sua eterna mocidade. Espantosa Marlene!







BANHO

Brigitte Auber volta ao seu camarim depois de ter tomado um banho (no intervalo de uma filmagem) e demonstrando que pode rivalizar com qualquer «pin-up» famosa



MAUROIS

Maurois ainda é cartaz, como sempre. Ei-lo na hora de partir para uma recepção na Academia, sendo ajudado pela sua mulher e sua filha. Os janeiros passam e o famoso biógrafo continua firme, estudando velhos documentos e preparando futuros livros. A glória não retirou nada da sua juventude, nem do entusiasmo de sua família.

A MULHER DO MONSTRO

Esta é a senhora Patrino Hepper, mulher do pintor William Sanchez de Pina, acusado de haver assassinado a menina Margateh Svevick, de um ano de idade. Foi condenado à morte e, até o fim, jurou inocência...

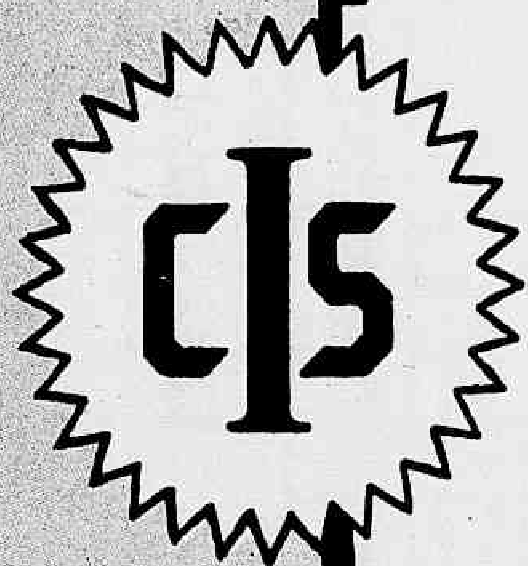




TERCEIRO MATRIMÔNIO

Groucho Marx e sua terceira mulher, o modêlo de 24 anos Eden Hartford, alçando o cálice logo após a cerimônia matrimonial, celebrada no Est. de Idaho, U.S.A. Groucho separou-se dos irmãos e trabalha na TV.

COMPETÊNCIA IDONEIDADE SEGURANÇA



35 anos de profícua existência, 230 milhões de cruzeiros em Sinistros pagos, mais de 115 milhões de cruzeiros em capital e reservas, são o acêrvo moral e material que justificam o lema de trabalho da COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS, oferecendo amplas garantias nos ramos de:

LUCROS CESSANTES — SEGUROS DE VIDA — INCÊNDIO — TRANSPORTES ACIDENTES PESSOAIS — AUTOMÓVEIS — RESPONSABILIDADE CIVIL ROUBO — VIDROS — ACIDENTES DO TRABALHO

•

DIRETORES: CELSO DA ROCHA MIRANDA — JORGE EDUARDO GUINLE ANGELO MARIO CERNE — KARL BLINDHUBER

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS

SEDE: RIO DE JANEIRO • RUA 7 DE SETEMBRO, 94 • TEL. 32-4270

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

Acaba de sair

O ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA

(1954)

Contendo a relação mais completa dos jornais e das revistas existentes no Brasil, o Anuário Brasileiro de Imprensa (1954) publica ainda:

— COMO OBTER PUBLICIDADE GRATIS nas colunas noticiosas e editoriais dos jornais. (O primeiro grande estudo, de caráter prático, publicado sôbre «free publicity» e Relações Públicas em língua portuguêsa).

— O INTERÊSSE DAS ILUSTRAÇÕES COMO FATOR DE IMPACTO PUBLICITARIO. (Descoberta das pesquisas motivacionais sôbre os temas de ilustração que apresentam mais interêsse para os homens, para as mulheres e para os dois sexos simultâneamente. Relação de temas de elevado e de baixo interêsse para cada caso).

— O QUE FAZEM OS AMERICANOS PARA PROMOVER A CIRCULAÇAO DE SEUS JORNAIS. (Idéias e métodos para um jornal aumentar sua tiragem).

— PARA QUE UM «HOUSE ORGAN», OU PUBLICAÇAO DE UMA FIRMA SE TORNE INTERESSANTE. (As famosas 15 regras de Kenilworth H. Mathus).

— PANORAMA DA IMPRENSA BRASILEIRA EM 1954. (A posição política dos jornais, o aumento da publicidade e da circulação).

— ESTILO SOB MEDIDA PARA JORNALISTAS E «COPYWRITERS». (Um técnico brasileiro adapta ao português as teorias de Rudolf F. Flesch, que revolucionou a técnica de redação em inglês).

— PAGINA PAR OU IMPAR. (A resposta definitiva ao controvertido problema da colocação de anúncios através da condensação do livro de D. B. Lucas e Sewart Henderson Britt, «Psycology and Research»).

Centenas de notas, comentários, notícias, leis e decretos sôbre a imprensa, biografias, informações variadas sôbre tudo que diz respeito à imprensa e à publicidade.

ANUARIO BRASILEIRO DE IMPRENSA
(Edição da Revista PN)

A venda na Redação (Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Tel. 52-4499 — RIO ou Largo Paissandu, 51 - 17º and. - s/1701 — Tel. 36-1062 — SAO PAULO), ou pelo Reembôlso Postal — Preço Cr$ 100,00 (mais Cr$ 10,00 pelo Reembôlso).

Número limitado de exemplares à venda.
Corte o cupom para pedir seu exemplar pelo Reembôlso:

A Emprêsa Jornalística PN S/A., Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Rio de Janeiro. Peço enviar-me, pelo preço de Cr$ 100,00, mais despesas postais, o ANUARIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (1954).

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... **Estado** ....

O DIABO E A LITERATURA

OTTO SCHNEIDER



● Indro Montanelli, autor dos «Incontri», quis conversar, certa vez, em Veneza, com o famoso romancista americano John Dos Passos. A dada altura, o escritor teve uma imagem singularmente justa ao dizer que «cada ronco do motor é um acesso de tosse do diabo».

Mas John Dos Passos não compreendeu o que estava subentendido na comparação arguta do escritor italiano, e perguntou ingênuamente:

— What? The devil? What do you mean by the devil?

E Montanelli, pasmado de tal pergunta, acrescentou:

— Um homem que ignora o diabo, se eu fôsse Deus, não me fiaria nêle e mandá-lo-ia ao inferno para que se inteirasse»...

Reproduzindo o episódio, no seu recente livro «Il Diavolo» que tanta celeuma vem provocando, Giovanni Papini observa que essa ignorância é escandalosamente vergonhosa num romancista como John dos Passos que maneja e amassa, como matéria prima, o pecado, e descreve as formas mais diabólicas da vida americana dos nossos dias.

— «A criação da obra de arte — diz Papini — exige e implica uma certa dose de orgulho, e envolve por isso uma tal ou qual cumplicidade, nem sempre apercebida, com o Demônio. Um artista que não tenha qualquer familiaridade com o Adversário, seja embora para esquivar-se dêle ou dominá-lo, não pode ser um verdadeiro artista»...

Outra coisa não quis dizer Gide quando concluiu que, em tôdas as obras de arte, é necessária a participação demoníaca. E chegou a essa conclusão, nada fora de propósito, no seu estudo sôbre Dostoievski, o qual se ocupou intensamente das artes do demônio. «Il n'est pas de véritable oeuvre d'art où n'entre pas la collaboration du démon» — é a frase de Gide.

Mais adiante, já não com referência só à literatura, mas a tôdas as artes indistintamente, Papini observa que todo artista é, a seu modo, um revelador da obra divina, mas ao mesmo tempo é também, queira ou não queira, um imitador do anti-Deus. Sem um empurrão do orgulho, sem uma picada da soberba, não seria possível a criação da obra de arte. Aquêle que pretende dar uma visão própria das criaturas e das coisas do mundo, de jeito a inspirar a comoção ou a excitar a fantasia, sente-se e declara-se, embora inconscientemente, superior aos outros homens, munido de particularidades virtudes que o tornam capaz dêsse milagre, que é a arte.

● PRÊMIO PARA MOLIÈRE

Harvey Breit, do «New York Times», escreveu há dias delicioso comentário sôbre certas atitudes dos intelectuais franceses, atitudes que êle chama de «stylish», opondo-lhes o procedimento americano. Em 1953 não foi distribuído, nos EE. UU., o conhecido e ambicionado Prêmio Pulitzer. Isso porque a comissão julgadora chegara à conclusão de não haver sido publicado nenhum romance merecedor dessa distinção.

Em Paris, procede-se de modo diferente — diz Harvey Breit. — Reuniram-se ali, noutro dia, os críticos de teatro para conferir o Prêmio Molière à melhor peça da temporada. E chegaram também à conclusão de não haver sido levada à cena nenhuma peça merecedora de tal prêmio. Que fizeram então os críticos franceses? Muito simplesmente conferiram o Prêmio Molière a... Molière.

● «SODOMA E GOMORRA»



Prossegue a Editôra Globo lançando a obra de Marcel Proust: «Em Busca do Tempo Perdido». Depois de «No Caminho de Swann», «À Sombra das Raparigas em Flor» e «O Caminho de Guermantes», sai agora o volume «Sodoma e Gomorra», já se anunciando para breve «A Prisioneira». A tradução do volume agora publicado estêve a cargo de Mário Quintana. Em «Sodoma e Gomorra», Proust envereda pela difícil análise de inversão sexual, tal como se apresenta na figura do Barão de Charlus, e na de Albertina. O próprio autor, como que advertindo os leitores, abre o primeiro capítulo com esta epígrafe: «Primeira aparição dos homens-mulheres, descendentes daqueles habitantes de Sodoma que foram perdoados pelo fogo do céu».

● MÊDO DA MULHER

Conta Osório Duque-Estrada que Sílvio Romero viu, certa vez, grande aglomeração à porta de um cinema. Não teve dúvida em interpelar um circunstante que lhe explicou:

— Êste homem (era um músico) comprometeu-se a tomar parte no nosso benefício, e recusa-se agora, por imposição da mulher, de quem tem mêdo!

Sílvio chamou de parte o medroso e deu-lhe um abraço, dizendo:

— Amigo, aqui estou eu, um velho que já casou três vêzes, e só tenho feito até agora o que as minhas mulheres têm querido. Deixe-os gritar. Não há marido que não tenha mêdo da mulher!...

EM POUCAS PALAVRAS

● Artur Coelho, escritor brasileiro, residente nos Estados Unidos, estêve recentemente entre nós e revelou que está retocando o seu romance «Mar de Pau», resultado dos tempos em que viveu na Amazônia. São novos aspectos da tragédia do nordestino no extremo Norte, que Artur Coelho vai fixar, contando também com a sua condição de filho do Nordeste.

● Depois de publicar «Poetas e romancistas do nosso tempo», Aderbal Jurema está escrevendo «Regionalismo Nordestino» que deverá ser incluído na coleção Brasiliana, da Editôra Nacional.

● «Onde estão os homens?» é o título do romance que Théo Filho publicará em breve pelos Irmãos Pongetti.

● Ocorre em outubro próximo o centenário do nascimento de Oscar Wilde.

● Em nova edição de notável beleza gráfica, os Irmãos Pongetti lançaram os «Contos Orientais», de Guilherme Hauff. Tradução de Lina Hirsch. Ilustrações de Otto Buengner. Capa de Paez Tôrres.

● «A Cidade Assassinada», teatro de Antônio Calado, é um dos próximos lançamentos de José Olímpio. O mesmo editor anuncia para breve «O Cão da Madrugada», crônicas de Eneida, e «Tempo de Espera», contos de Ricardo Ramos.

● «História da Revolução Francesa», por Thomas Carlyle, vai aparecer em nova tiragem pelas Edições Melhoramentos. A obra se compõe de 3 volumes.

● «Isto é Minas Colonial», por R. A. Freudenfeld. Album retrospectivo de Minas. Uma história que ensina pelo texto e pelas gravuras. Longo prefácio em inglês e português. Em breve pelas Edições Melhoramentos.

● José Olímpio promete entre os seus próximos lançamentos: «Praia Branca de Olinda», romance de Sílvia Carneiro Leão; «Poesias Completas», de Maria Eugênia Celso; «A Vida de Joaquim Nabuco», por Carolina Nabuco.

● «História da Arte» — introdução à história das artes plásticas — por Pietro Maria Bardi, em breve pelas Edições Melhoramentos.

O BRASIL ESTÁ CHEIO DE FALSOS DOUTORES

Assalto ao Ministério — O incêndio do Teatro Regina — Em São Paulo é mais fácil — Doutôres de quinze anos...

Segunda de uma série de duas reportagens de PAULO ASSUNÇÃO

DEPOIS que foi levada denúncia do Sindicato e Federação dos Dentistas à polícia, e esta procedeu a busca e apreensão de material de falsificações nos três principais redutos dos fabricantes de doutores, Pedro Olavo, o principal dêles, que se encontrava em S. Paulo, correu ao Rio para soltar o filho e desenvolver um contra-ataque, pela imprensa (e telefônico de ameaças) com desmentidos de sua criminosa atividade.

Na reportagem anterior, o leitor se inteirava do mecanismo utilizado pela quadrilha para falsificar os diplomas. Hoje, continuamos a demonstrá-lo minuciosamente, apontando nomes, métodos, fatos, vítimas e chantagistas, funcionários relapsos e coniventes, e crimes sinistros dessa quadrilha que tenciona alfabetizar o país à custa de cifrão.

A LEI 7.718

O decreto-lei nº 7.718, de 9 de junho de 1945 (Diário Oficial nº 157 de 11 de junho de 1945) sancionado por Getúlio nos estertores da Ditadura, abriu um boqueirão para as falsificações, agora denunciadas.

Êle diz, em seus 3 primeiros artigos e no parágrafo único, o seguinte:

Art. 1º — Os portadores de diplomas de dentistas, expedido até 31 de dezembro de 1944, por faculdade de odontologia que tiver funcionado com reconhecimento, subvenção ou manutenção dos governos estaduais, poderão inscrever-se no respectivo Departamento Estadual da Saúde, mediante prévia habilitação em prova prático-oral.

Art. 2º — A prova prático-oral de que trata o artigo anterior será processada perante uma comissão examinadora, constituída de dois professôres de faculdade de odontologia, federal ou reconhecida, e de um representante do Departamento Nacional de Saúde, e versará sôbre Higiene, Prótese e Clínica Odontológica, de acôrdo com uma relação de pontos organizada por êsse mesmo Departamento.

Parágrafo único — Considerar-se-ão aprovados os candidatos que obtiverem pelo menos dois votos favoráveis da comissão examinadora.

Art. 3º — Os dentistas habilitados, uma vez inscrito o seu diploma no Departamento Estadual de Saúde, poderão exercer a profissão sòmente dentro do respectivo território estadual.

Êste mesmo decreto informava que os diplomas de que êle tratava não poderiam ser registrados no Departamento Nacional de Saúde ou no Departamento Nacional de Educação, nem permitia o exercício de cargos ou funções públicas federais.

OUTRO DECRETO AJUDA

Entretanto, um outro decreto, êste de 1953, vinha facilitar as dificuldades para a federalização dos diplomas. E recebeu o número 1.919.

«Art. 1º — Os diplomas expedidos por estabelecimentos de ensino superior, ao tempo não reconhecidos e posteriormente tornado federal, serão admitidos a registro na Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação.»

ENXÊRTO NO MINISTÉRIO

Vistas as duas janelas por onde a quadrilha saltou àvidamente para fabricar às pressas os seus doutores, vamos continuar demonstrando o processo de falsificação por ela utilizado.

Durante o tempo em que a Junta Especial estêve acéfala, no período de 1945 a 1950, os arquivos das Escolas beneficiadas pela lei 7.718 estiveram nela guardados. As falsificações se faziam, então, do seguinte modo: uma vez expedida a certidão, esta era copiada numa ficha e metida nos arquivos do Serviço de Comunicações, por seu chefe, Ubirajara Agustim Pereira.

Outra pessoa, ou êle mesmo, ia aos livros onde substituía, por meio de rasura, o nome verdadeiro pelo falso. Quando havia denúncia do Sindicato, êle próprio interceptava o ofício e desmentia o fato denunciado, baseando-se no fichário que ficava a seu cargo.

Em outros casos, porém, em que não convinha rasura, os falsificadores páginas, onde não cabia mais de 30 nomes, passavam-se 100 e até mais certidões, página, onde não cabia mais de 30 nomes, passavam-se 100 e até mais certidões, sem qualquer perigo.

O INCÊNDIO DO «REGINA»

Com a promulgação da lei nº 609 de 1949, os falsários anteviram dois problemas que naturalmente surgiriam e resolveram solucioná-lo de qualquer maneira. 1º) Temiam que alguns dos diplomados pleiteassem validação para seus casos, e a Junta, ao conferir as certidões, para despachos, notasse o número excessivo de pessoas relacionadas numa só página; 2º) A Junta, de acôrdo com o art. 4º da lei, poderia mandar expedir os diplomas de origem. Neste caso haveria complicação, porque a Escola iria recusar-se a cumprir o despacho.

Reuniram-se, então, falsários e funcionários, e decidiram que a solução seria queimar os arquivos, o que se verificou no incêndio do Edifício Regina, em 1943.

Com êsse recurso, pensavam êles, além de eliminar provas, igualariam os casos falsos aos verdadeiros, de modo que seriam enquadrados como irregulares e indeferidos, sistemàticamente. Assim viam-se obrigados a fazer a licença estadual pela lei 7.718.

Queimaram-se, então, todos os arquivos que tinham dentistas e farmacêuticos, mesmo os das Escolas Livres, sendo os das Escolas Oficiais substituídos por relatórios apócrifos, aos quais foram anexadas cópias das certidões expedidas, também apócrifas. A Junta, entretanto, não levou em conta essas irregularidades, e oficiou à Faculdade de Odontologia de Niterói, mandando expedir os diplomas do processo nº 29.574/49 e outros, todos pretensos alunos, baseada nesse relatório apócrifo.

O secretário protestou, afirmando que não eram alunos pois tinha em sua posse cópia do arquivo remitido ao Ministério. Foi chamado incontinente à Junta, onde confirmou tudo. Abriu a Junta, ou simulou abrir um inquérito, e ficou tudo em casa.

Êstes «enxertos» foram feitos pelo ex-sócio de Pedro Olavo, Antônio Barbosa, que aparece às vêzes com o nome de José Barbosa.

Os auxiliares imediatos de Barbosa não se conformaram com a informação da Escola e requereram um mandado de segurança, que, parece, ainda se encontra em juízo. Nêle estão os nomes dos cabeças dos «enxertos».

NOVA TATICA

A grande maioria desistiu da validação e optou pela lei citada, o que se tornava muito mais lucrativo. Mas havia um ângulo perigoso no negócio. A Junta já sabia do caso . . .

Foi então que surgiu outra modalidade: Pedro Olavo expediria a certidão, e os funcionários da Junta (Maria de Lourdes, casada com um validado; Amilcar de Tal; e Paulo Monteiro de Barros) incluiriam o nome do candidato no já citado relatório, e apostilhariam a certidão, para contrôle. Esta apostilha, entretanto não era feita no próprio documento, como é de praxe. Era feita em ofício datilografado, e, após copiada na Saúde Pública, era destruída para eliminar qualquer prova contra os funcionários. Êste processo deixou de lado, como intermediário, a Ubirajara Agustim Pereira e outros que, em represália, passaram a vender certidões diretamente a interessados, por preço inferior, ligado a outros concorrentes de Pedro Olavo. Êste denunciou-o como também ao então protocolista J. T. de Faria, sendo ambos afastados de suas funções em virtude de um inquérito administrativo que foi abafado.

TRANSFERÊNCIA DOS ARQUIVOS

Com a ida de Afonso de Tal para o Serviço de Comunicações e de Odaléia Donato para a Junta, os falsários entraram em pânico. O primeiro não «reconstituía fichas» nem dava «certidões»; Odaléia estava relacionando e trancando todos os arquivos sob sûa guarda. Isto significava, apenas, que a mina ia secar. Os relatórios ficariam inacessíveis, não só para as apostilhas como para novos «enxertos». Por isto antes que os funcionários começassem a trabalhar honestamente foram (com excessão de um ou dois) transferidos para outra seção.

ENVELHECENDO CERTIDÕES

Quando o candidato é exigente e faz questão de uma cópia de seu «diploma» os falsários tiram uma fotocópia do original e mandam autenticá-la na repartição competente. Em seguida submetem-na a um banho de chá índico ou vapores nitrosos para dar-lhe aparência de documento antigo. Assim procedem porque no caso do portador perdê-la ou haver denúncia ou apreensão da fotocópia a perícia não poderá determinar o tempo de existência do original, nem utilizando a fotocópia processar o seu emitente, desde que só vale como prova material em juízo se houver o original para conferência. E num dêstes casos o original não aparecerá, sendo destruído, na própria Saúde Pública, pelos sócios da quadrilha.

ATIVIDADES ESTADUAIS

Verificados os métodos que são usados pelos falsários (como são burladas as leis e os famosos arquivamentos) vejamos como atuam em alguns Estados e como implicam em seus negócios pessoas de responsabilidade.

Em Minas. — De posse da certidão por qualquer dos meios citados Pedro Olavo ou um de seus dois filhos (viajam semanalmente alternados para os Estados) leva-a e dá entrada na repartição competente. A Saúde Pública fornece-lhe imediatamente um cartão de protocolo, autorizando o seu portador clinicar ou dirigir farmácia, até a época do exame, que será marcado, oportunamente.

As aprovações são garantidas. Quinze dias antes dos exames, concentram-se os candidatos em Belo Horizonte e recebem um curso intensivo, por coincidência «do que vai ser perguntado», na base de Cr$ 5 mil por cabeça. São aprovadores: o dentista Antônio de Sousa Leite, e os professôres da Faculdade de Belo Horizonte, Jerson de Sousa Martins e Edson Pereira, nomeados pela portaria nº 25 de 4-952. Não se sabendo se os mesmos estariam cientes da nefasta influência de Pedro Olavo, do antecipado conhecimento que os candidatos traziam das questões que lhes seriam perguntadas e da falsidade de suas certidões.

Em 1952 houve duas turmas, sendo a última examinada em outubro. Foram aprovados e estão clinicando (nas seguintes cidades mineiras) 8 indivíduos de São Sebastião do Paraíso; 6 de Uberlândia; 7 de Ituiutaba; 26 de Uberaba; 4 de Japeri; e de várias outras cidades cujos originais estão arquivados na Saúde Pública e os nomes publicados no Diário Ofical.

NO ESTADO DO RIO VERGONHA MAIOR

Como o Estado do Rio é dependente do Distrito Federal, aí o registro difere dos demais Estados. Pelos municípios fluminenses formaram-se e clinicam, antigos proprietários de uma farmácia, um vereador local, um indivíduo que se «formou» aos 12 anos de idade , um antigo barbeiro que resolveu mudar de profissão, bastando para isso um pouco de dinheiro e transferir-se de uma rua para outra, montou consultório e botou placa na porta.

O esfôrço e a retidão do dr. João Pio (presidente do Sindicato dos Dentistas) desarticularam a quadrilha orientada por Pedro Olavo. Nos documentos acima nota-se o vulto dos negócios. O nome de Sabatini foi uma isca, apenas.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 9 E 15 DE OUTUBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10). — Tôdas as suas possibilidades astrais, no curso da semana, tenderão para a solução dos casos pendentes. O leitor poderá, portanto, varrer a casa, como se diz, pondo em dia todos os seus negócios. O ambiente lhe será favorável.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua independência será posta à prova nos próximos sete dias. Tenha muita prudência na solução dos problemas econômicos e financeiros, pois poderá ser colhido nas malhas de uma operação ruinosa.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Dê o máximo de atenção a tudo o que fizer no curso da semana. Não negligencie coisa nenhuma, por mais simples. O leitor está sujeito a enganos prejudiciais e a omissões que lhe sairão muito caras.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não adianta forçar os negócios nem a solução dos problemas do seu interêsse. Na vigência da semana em pauta, tudo será moroso, demorado. É melhor mesmo que as coisas se passem assim, pois o leitor está condenado a passar do ponto.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Há fortes ameaças de complicações, notadamente nos dias 10, 12 e 13. O leitor poderá ser envolvido num caso muito desagradável, em virtude da sua precipitação ou da sua indiscrição. Previna-se, pois.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sua posição será muito boa em relação às atividades profissionais e aos seus negócios. Na parte sentimental, porém, estará sujeito a desentendimentos e a profundos desgostos, podendo, mesmo, ser traído.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Além de despesas de certo vulto e imprevistas, nada de anormal poderá ocorrer na vida do leitor, nos próximos sete dias. Essas despesas estarão ligadas a um acontecimento de certa importância, é lógico.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Os negócios parados por qualquer circunstância ou em pauta, poderão ter um andamento rápido e favorável. Socialmente o leitor deve isolar-se. A semana não lhe favorecerá as atividades nos meios elegantes, esportivos, políticos ou diversionais.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Seu magnetismo pessoal estará muito arrefecido, no curso da semana. Precisará de um máximo de esfôrço para um resultado mínimo. Em tais condições não deve pleitear coisas elevadas e de maior importância. Fique na planície.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O ambiente dos astros lhe será muito favorável. Terá agradável surprêsa, alegrias íntimas e contentamento na vida doméstica. Não terá dificuldades para honrar os compromissos assumidos.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os projetos não poderão ter andamento, até mesmo os de ordem sentimental. Não acontecerá o mesmo, porém, nas atividades profissionais, atividades cujo ambiente será o melhor possível. Fuja pois, das inovações e do extra.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — As favorabilidades da semana recairão na vida doméstica, na profissão e na vida social. Há probabilidades para novas e boas relações para promoção ou melhoria de vencimentos e também para um melhor entendimento no lar.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro,	9	—	Edésio	—	Romana
"	10	—	Martins	—	Eliana
"	11	—	Mauro	—	Fernanda
"	12	—	Tibúrcio	—	Márcia
"	13	—	Severo	—	Rogéria
"	14	—	Aldemar	—	Sílvia
"	15	—	Sálvio	—	Lhena

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Outubro,	9	—	15º - 39' - 35"	(Signo da Balança)
"	10	—	16º - 38' - 52"	(" " ")
"	11	—	17º - 38' - 10"	(" " ")
"	12	—	18º - 37' - 31"	(" " ")
"	13	—	19º - 36' - 53"	(" " ")
"	14	—	20º - 36' - 18"	(" " ")
"	15	—	21º - 35' - 45"	(" " ")

O BRASIL ESTÁ CHEIO DE FALSOS DOUTORES

As inscrições no Estado do Rio são feitas no Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, de acôrdo com o já citado dentista Antônio de Sousa Leite, chefe da Fiscalização do Setor Odontológico (do referido Serviço) que sempre preside as bancas examinadoras, fiscaliza os exames em todos os Estados, propõe os outros nomes para a banca indiretamente ao Ministério, e, assinada a portaria, êle é quem marca o dia e o local dos exames.

O BARBEIRO E O MENINO

No Estado do Rio já foram diplomados, encontram-se clinicando e instalados, os seguintes:

Júlio Góis e José Góis, proprietários de farmácia na Estação de Mesquita. Êstes dois indivíduos, em 1949, requereram validação de diploma, dizendo-se formados pela Faculdade Livre de Ubá (que nunca existiu). Como o despacho estava demorando, fizeram outro requerimento, de acôrdo com a lei 7.718, agora pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ubá (oficializada que vem sendo usada por Pedro Olavo e Rui Pinheiro). Não sendo aceito êste exame para o Estado do Rio, resolveram, então, formar-se por Niterói, o que simplificou a história.

Amaro de Sousa Rocha, vereador local, tem consultório na rua principal, com placa à porta. Agustinho Pereira (em frente ao vereador) encontra-se nas mesmas condições. Êste sujeito nasceu em 1922 e formou-se em 1934, com 12 anos, portanto. Joaquim Coutinho Filgueira, da rua Itatinga nº 357, foi outro fabricado pelos falsificadores. E todos êles funcionam no município de Caxias.

Em S. João de Meriti — José de Sousa Coelho, da rua Nossa Senhora das Graças nº 1.112, era dono de uma barbearia nesse local. Um dia resolveu mudar de profissão e «tornou-se dentista», na mesma cidade.

Yuzir Yudolff; Afrânio de tal; Tude Dávila Abartini; Joel de Oliveira e seu pai (residentes à Estrada Braz de Pina 242, Distrito Federal) e mais outros por êles paresentados, num total de 32, encontram-se clinicando abertamente.

«DOUTORES» DE 15 ANOS

O escândalo das diplomações em S. Paulo foi de tal gravidade que exorbitou dos comentários nos meios sindicais e das denúncias pela imprensa para a Assembléia Legislativa. No mês de agôsto de 1953, o deputado Cid Franco assomou à tribuna para relatar o fato vergonhoso, baseando-se nos diplomados na mais tenra juventude.

Foi o seguinte o seu discurso, transcrito no Diário Oficial do Estado de S. Paulo, na sexta-feira, 14 de agôsto de 1953:

«Sr. Presidente e srs. Deputados. O Diário Oficial de 2 de dezembro de 1952, página 38, primeira coluna, informa que Manoel Alves de Oliveira é dentista formado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de «Dr. Prudente de Morais» de Piracicaba, tendo colado grau em 1934. Nasceu no ano de 1919. De onde se conclui que o cidadão em aprêço teria colado grau apenas com 15 anos de idade.

Ora, o mesmo Diário Oficial, edição mencionada, página 28, terceira coluna, reproduz documento do Ministério da Educação e Saúde pelo qual se observa que a idade exigida para a inscrição no exame da mesma escola era de 16 anos.

A mesma edição do Diário Oficial, página 30, primeira coluna, traz o nome de Waldemar Pizarro, dentista formado por aquela faculdade em 24 de dezembro de 1934 e nascido em 14 de janeiro de 1920. Portanto contava 13 anos e 11 meses quado se diplomou.

Mas tenho em mãos, sr. Presidente, uma comprida lista que me é fornecida pelo Sindicato dos Odontologistas de S. Paulo, entidade de classe que está empenhada na tarefa de moralização do exercício dessa nobilíssima profissão e que pretende mesmo tomar providências junto à Secretaria da Segurança Pública.

Vejamos:

Cyno Chamorro tinha 14 anos e 11 meses quando se diplomou. Registro: 6-9-1949. Apostila: 12-8-1949. Escola Prudente de Morais. Formatura: 12-12-1934. Nascimento: 5-1-1920.

João Magalhães formou-se com 15 anos e 9 meses. Registro: 23-6-1948. Apostila: 9-6-1948. Escola Prudente de Morais. Formatura: 23-12-1933. Nascimento: 10-3-1918.

Hélio Beltrami Oliveira contava 15 anos quando se formou. Registro: 2-3-1948. Apostila: 2-6-1948. Escola Prudente de Morais. Formatura: 22-12-1933. Nascimento: 23-12-1918.

Manoel Alves de Oliveira formou-se com 15 anos e 6 meses. Registro: 24-6-1949. Apostila: não consta a data. Escola Prudente de Morais. Formatura: 12-12-1934. Nascimento: 11-6-1919.»

O caso de Arnaldo Fernandes Peres é mais impressionante ainda. Formou-se com 13 anos e 7 meses. Registro: 9-12-1948. Apostila: 3-9-1948. Escola Prudente de Morais. Formatura: 23-12-1934. Nascimento: 25-5-1921.

Antônio Diniz Pinto formou-se com 15 anos. Registro: 25-5-1948. Apostila: não consta a data. Escola Prudente de Morais. Formatura: 12-12-1934. Nascimento: 6-7-1919.

Nestor Ribeiro da Silva diplomou-se com 14 anos e 11 meses. Registro: 17-6-1948. Apostila: 28-5-1948. Escola Prudente de Morais. Formatura: 22-12-1933. Nascimento: 13-11-1919.

E o deputado relatava, em seguida mais dois casos, o de Santo Secches que se formara aos 17 anos e 8 meses e o de Nasaaki Nakayama que colou grau no meio do ano.

NAO SE DEVE FACILITAR

Agora, pela denúncia que lhe levaram os dentistas João Pio dos Santos e Mário Barroso, respectivamente presidente do Sindicato e da Federação dos Odontologistas, a polícia realizou diligências prendendo falsificadores (os principais) e material (farto) de que se utilizavam.

Vale recordar, pelo escândalo que êste fato vai produzir na opinião pública, na classe de estudantes e educadores, a gravidade com que o assunto deve ser encarado. Não sòmente entre os dentistas e farmacêuticos, segundo documentos e trabalho que o sindicato e seus dirigentes vêm realizando, se verificaram falsificações. Mas advogados e médicos também foram criados a custa de nenhum esfôrço e muito dinheiro.

Os srs. deputados à Câmara Federal que estão nesse momento tão empenhados e tão viajantes no trabalho de conseguir reeleição ou cultivar os seus redutos estaduais, não devem desatentar desta calamidade, quando o inescrúpulo e a ambição de milhares de criminosos vêm agora eclodir num dos maiores escândalos dêstes últimos 20 anos.

Há duas coisas inestimáveis neste jôgo pouco limpo: o direito e a vida de uma considerável parte da população. Ninguém está livre de entregar a saúde ou a fortuna a um charlatão, e vê-las malbaratar-se desgraçadamente.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

ESTAMOS SEM ASSUNTO

TEDDY DE OLIVEIRA

● Na pequena máquina o papel em branco nos lembra que a crônica tem que ser entregue dentro de duas horas e ainda não encontramos assunto para escrevê-la. A situação não é nova e raro é o jornalista que não sofre dêsse mal em certos dias, mesmo que as gavetas estejam entulhadas de recortes ou a mesa enfeitada de lembretes, pois assuntos não faltam, porém simplesmente assuntos, nem sempre dignos de uma crônica. Talvez seja êsse o nosso caso. Não sei se valeria a pena contar a vocês que Edward G. Robinson continua muito triste ante a possibilidade de ver o filho processado por assalto, e também se valeria a pena dizer que Marta Rocha fêz tantas exigências absurdas aos produtores de Hollywood que êles tão cedo não desejarão contacto com artistas brasileiros. Isso é grave, muito grave mesmo, pois Louis Serrano preparava-se para levar até a terra das «estrêlas», um grupo de novos artistas que dia e noite sonham com uma grande oportunidade no cinema.

Estive assistando ao debate a que foi submetido pelo próprio autor, Lima Barreto, o «script» de «O Sertanejo». Muito modesto, o famoso diretor de «O Cangaceiro» leu o roteiro e esperou as arremetidas da platéia. Essas não se fizeram esperar. No aceso da discussão, pouca gente disse muita asneira convencendo o nosso amigo Lima de que o melhor mesmo é fazer o filme e deixá-lo, então, à sanha da crítica.

Não sei se valeu a pena contar tudo isso a vocês, mas poderemos ainda dizer que Ty Power e a espôsa Linda Christian virão mesmo filmar no Brasil, animados de aqui realizar uma temporada que, embora curta, seja alegre e de bons resultados artísticos. Podemos garantir que os fãs não concorrerão para que se repitam os lamentáveis incidentes havidos com a temperamental Ava Gardner. E por falar na moça: ela andou dizendo que jamais pensará em voltar ao Brasil. Será que alguém pensou na possibilidade de um regresso de Ava?

Outros que estão prometendo vir ao Brasil: Roberto Rosselini e Ingrid Bergman. São visitas muito simpáticas e muito aguardadas. Silvana disse que viria, mas até agora não confirmou a viagem. Bem, estamos sem assunto e o melhor é mesmo parar por aqui. Mesmo porque a crônica saiu maior do que o costume, embora sem nenhum assunto importante...

CINEMA BRASILEIRO

● LIMA BARRETO leu na A.B.I. o roteiro de «O Sertanejo» e submeteu-se ao debate dos críticos e jornalistas presentes. Modesto de Sousa deu sua contribuição aos dados históricos do filme, esclarecendo Lima Barreto sôbre deslizes das investigações feitas. O crítico Van Jafa participou do aceso dos debates e a reunião foi encerrada num clima de camaradagem entre o famoso diretor de «O Cangaceiro» e sua platéia entusiasmada.

● DA-SE COMO certo o início das filmagens de «Fôlego de Campeão», a película sôbre motivos turísticos que a Juventus Filmes vem prometendo há muito tempo.

● «CONTRABANDO» de Mário Latini continua paralisado por questões financeiras e nada indica que a situação venha a ser modificada nos próximos meses. Mário Latini já sumiu de circulação.

● DE SAO PAULO prometem mostrar «Capricho de Amor» cujo galã é Maurício Barros, ator que teve uma ponta algo ridícula no ridículo «Conflito», do qual salvou-se apenas o Paulo Geraldo, atualmente sem filmar, o que não deixa de ser lamentável.

● ELIANA casou-se com o radialista Renato Murce. Romance antigo que acabou da melhor maneira: unidos e felizes.

CORREIO DA EUROPA

● NAO É SÒMENTE Hollywood que viaja à Itália para produzir seus filmes, mas também suas «estrêlas» que aceitam contratos e pensam sèriamente em radicar-se nesse outro centro produtor de filmes. Ruth Roman, a encantadora artista americana encontra-se atualmente em Turim, interpretando o papel principal de «La Peccatrice» (A Pecadora), que Gianni Vernuccio realiza em Ferraniacolor. O enrêdo foi baseado num episódio bíblico.

● NA SARDENHA o diretor Steno filma presentemente os exteriores de «Proibito», argumento extraído do romance «La Madre» que alcançou em 1927 o Prêmio Nobel. Mel Ferrer, «astro» americano, e Amedeo Nazzari, o maior cartaz masculino do cinema italiano, participam do elenco dessa produção em «technicolor»

● UM EPISÓDIO curioso ocorreu recentemente no Festival de Cinema de Veneza quando o júri discutiu longamente a quem conceder o prêmio de Interpretação Feminina. Gina Lollobrigida estava cotadíssima para o troféu com sua interpretação de «Romana», de Luigi Zampa e teria mesmo ganho a recompensa artística se houvesse a maioria absoluta a seu favor. O acontecimento singular foi incluído entre os fatos pitorescos do último Festival de Veneza.



PIPER, DESENHISTA — Além de boa atriz e linda «estrêla», Piper Laurie revelou recentemente sua vocação para o desenho, pondo-se a traçar em «craion» a maioria dos colegas. Ei-la desenhando o maquilador Frank Westmore.



VIRGINIA E O SARRACENO — No «set» de «Ricardo, Coração de Leão», o novo épico em CinemaScope da Warner, Virginia Mayo, «estrêla» do filme, posa ao lado do «astro» Rex Harrison, que interpreta o temível Sarraceno . . .



AMOR ATÉ DEBAIXO DE... LAMA — Jan Sterling fôra convenientemente preparada pelos maquiladores da Paramount para uma cena que exigia realismo. Havia muita lama quando ali chegou Paul Douglas, marido de Jan, que apesar de tudo beijou-a, posando antes para o fotógrafo...

FALA-SE EM HOLLYWOOD...

SCOTT BRADY terá a maior oportunidade de sua carreira quando participar da filmagem de «Gentlemen Marry Brunettes», cuja «estrêla» é Jane Russell. Scott foi convidado à última hora e aceitou contentíssimo, pois confessou aos amigos que sempre desejara filmar com Jane, de quem é grande admirador.

RITA MORENO, a jovem pôrto-riquenha de vinte e um anos, é a mais nova sensação de Hollywood. Seu papel em «Garden Of Evil» com Richard Widmark, Gary Cooper e Susan Hayward, a projetará muito alto no conceito dos fãs.

MORREU o ator característico Eugene Paulette, contando 65 anos e que estava no cinema desde 1916, calculando-se que tenha participado de mil filmes em tôda sua carreira. Eugene Paulette com seu tipo gordíssimo fêz rir à muita gente e era querido dos colegas, apesar de nos filmes exibir-se permanentemente de mau humor.

SEGUNDO se comenta causou mal estar a atitude da brasileirinha Marta Rocha fazendo exigências absurdas para filmar na Universal. Ao que parece, Marta não deseja mesmo ser «estrêla» em Hollywood e tem viagem marcada para o Brasil.

EMBORA Victor Mature tenha solicitado divórcio da espôsa, um recente acontecimento parece que influirá nessa decisão do querido «astro» de Hollywood. É que êle perdeu o sogro e viu-se assim na obrigação de juntar-se à espôsa e isso acontece há algumas semanas. Juntos e quase reconciliados . . .

MARLON BRANDO, cujo cartaz de louco não é segrêdo para ninguém, anunciou que está adaptando para a tela um dos mais «escabrosos» romances de D. H. Lawrence, «O Amante de Lady Chatterley». Marlon fêz questão de esclarecer: «Não farei o filme em Hollywood, mas prometo que o farei . . .»



Alice Café, em Recife, é funcionária do IAPETC. Durante as perseguições que o govêrno Lamartine fêz a seu irmão, ela foi agredida, a coronhadas, por um beleguim policial. Alzira (sentada) não gosta de política. Alice chegou a ser conselheira do irmão, em muitos passos de sua vida.

sobrinho de Sandoval Capistrano, que era julgado por homicídio. E Bruno Pereira fôra contratado, pela família, para a defesa. No mais aceso de sua oração, Bruno dirigiu-se a seu opositor com uma veemência que chegou ao insulto. Café não se conteve e arremessou-lhe uma cadeira na cabeça. A sessão foi suspensa em meio a grande tumulto.

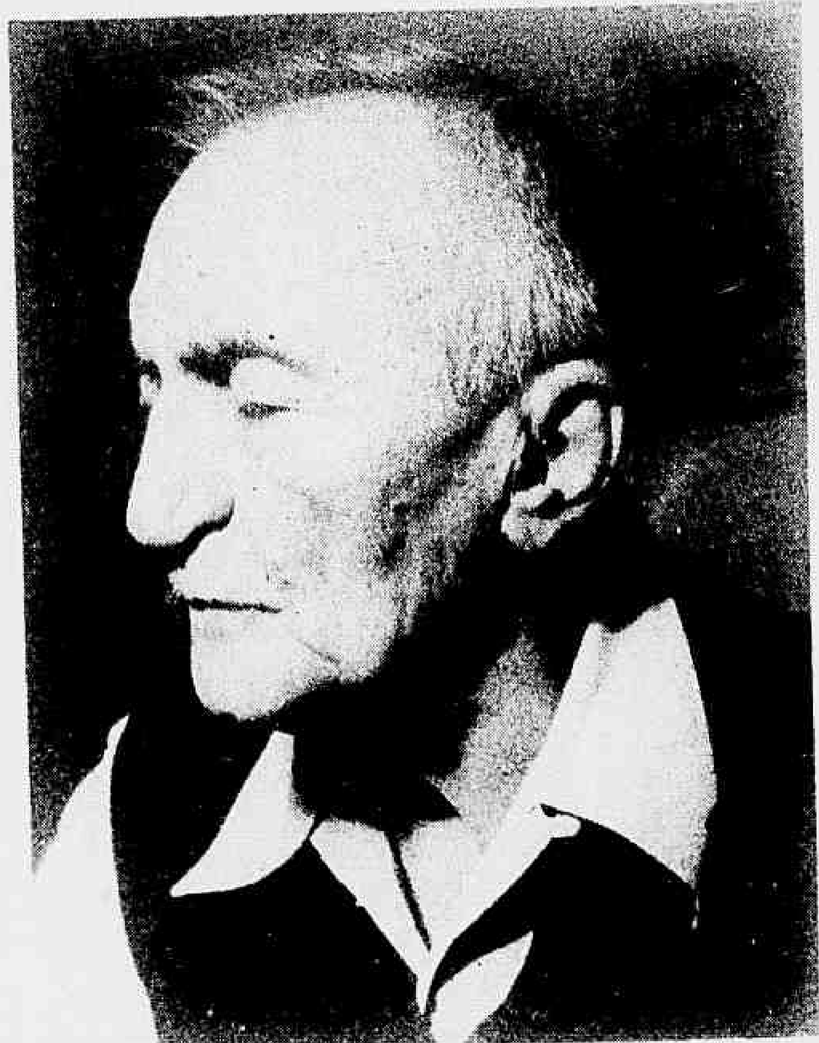
Como acontecia e ainda acontece no Brasil, as lutas políticas de Café com José Augusto, no Estado, foram sempre tremendas. — «Quando, em 1932, Café foi chefe de Polícia — conta Sandoval — mandou chamar a seu gabinete tôdas as pessoas que provocavam agitações na capital, geralmente velhos inimigos seus, e os prendeu pessoalmente. A prisão de Silvino Bezerra de Medeiros deu especial prazer a Café. Anos antes, Silvino Bezerra chamara Sandoval a seu gabinete para informar-lhe de que não permitiria que êle agitasse as classes operárias, e disse: — Enquanto eu fôr chefe de Polícia e José, meu irmão, governador, você e êsse moleque (Café) não anarquizaram o Estado. — Mas Silvino Bezerra teria, talvez, motivos bastantes para incompatibilizar-se com Café, que impediu, em 1930, que êle fôsse o interventor. Vitoriosa a revolução, no dia 6 de outubro entravam as tropas na cidade, pela manhã. Começou-se a pensar numa junta militar governativa ou em um homem que assumisse a interventoria. Sucedendo-se os entendimentos, a solução foi encaminhada para um govêrno exercido por um interventor. E a escolha, por influência de José Augusto, recaiu na pessoa de Silvino Bezerra. Inimigos políticos, Café insubordinou-se contra a decisão, pedindo, em último caso, uma Junta Militar. Não sendo atendido, foi, na tarde do mesmo dia, para as ruas e, em «meetings»-relâmpagos, começou a agitar a população. Temiam os chefes revolucionários que um movimento de opinião, aproveitando a pré-disposição revolucionária das massas e o refortalecimento dos inimigos, pudesse derrubar o novo govêrno. E chamaram Café para ouvi-lo sôbre uma terceira solução. Esta, porém, já estava sendo pleiteada por Café nas ruas: consistia na designação para o govêrno do sr. Irineu Joffely, natural da Paraíba e homem de passado político respeitável. A sugestão paraibana de Café encontrou apoio nos amigos de José Américo, e, àquele tempo, a ninguém interessava desagradar José Américo, considerado o herdeiro político de João Pessoa. Impôsto Irineu Joffely, Silvino Bezerra sentiu-se humilhado e os ódios recrudesceram» — finalizou Sandoval Wanderley. Pedi-lhe que resumisse em uma palavra o que considerava um traço característico na personalidade de Café Filho. — «Honestidade» — respondeu Sandoval.

Dia 17 — Nos fundos da estreita rua José de Alencar, dando para a Praça Pio X, há um prédio

O AMIGO CERTO

Dia 16 — Em quase tôdas as campanhas políticas que enfrentou, Café Filho teve a seu lado Sandoval Wanderley, inclusive as vêzes em que fugiram de Natal para Estados do norte ou para o Rio de Janeiro. Com Sandoval, Café Filho fundou cêrca de onze sindicatos e formou com êle nas federações de trabalhadores que criaram no Rio Grande do Norte. Com Sandoval e mais companheiros, penetrou na cidade de Alexandria (armados de rifle e sacos de dinamite) e, num dia de feira, fêz Café, perante a população admirada e o destacamento policial estupefato, um comício contra o govêrno Juvenal Lamartine, que jurara não lhe permitir que falasse, durante seu mandato, em terras do Rio Grande. E conta ainda Sandoval: — «Depois do comício, Café foi ao telégrafo e escreveu para Juvenal Lamartine: «Acabo realibar comício Alexandria». Por questões partidárias, separou-se, politicamente, há poucos anos, do seu antigo companheiro. Mas não lhe recusou, depois disso, a sua amizade. Hoje é Sandoval Wanderley o diretor do Departamento de Divulgação e Cultura da Prefeitura. Seu aspecto é o de um homem que insiste em usar uma peruca arcaica para encobrir uma incômoda e longa calvície e o besunto dos óleos para enegrecer os raros cabelos (autênticos ou falsos não se sabe ao certo) que uma vida agitada ajudou a embranquecer. Sandoval estava presente ao atentado sofrido por Café no dia 18 de junho de 1933, quando o capitão Everardo Barros de Vasconcelos atingiu o então chefe de polícia de Natal. Encontravam-se no bar Politeama, quando se aproximou o capitão Everardo da mesa que ocupavam. O chefe de polícia prendera, dias antes, o sr. Gentil Ferreira, amigo do oficial do Exército. A uma certa distância o capitão parou e, dirigindo-se a Café, interpelou-o:

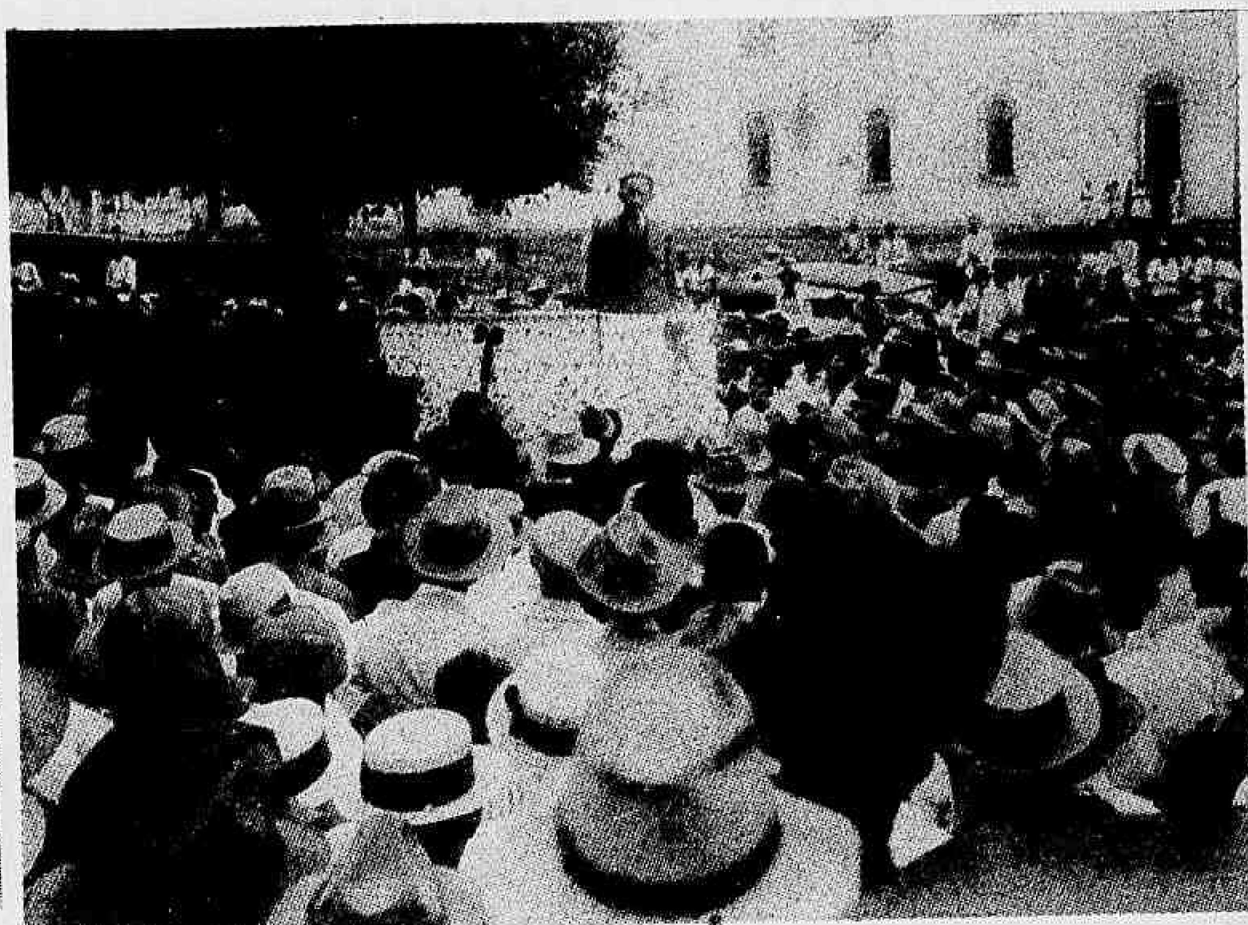
— Você é homem, Café? — O chefe de polícia estranhou a pergunta e o oficial a repetiu. Café levantou-se, então, incontinenti, mas, já de pé, recebeu um tiro no braço. Sacou ainda de sua arma e disparou, mas, com o braço ferido, o disparo perdeu-se na rua. Pouco depois, Café caía, ensangüentado, e o capitão era prêso, no mesmo instante, por outro oficial que se achava presente. Justificando o ódio de Bruno Pereira, conta Sandoval: — «É coisa antiga. Foi motivado por um incidente havido no Fôro de Natal. Café (advogado provisionado) acusava um



Aos setenta e muitos anos, afastado da política, Lamartine fala com serenidade sôbre Café Filho, relembrando velhos tempos de lutas.



O menino que se encontra sentado, ao centro, com uma fôfa gravata de setim e mãos cruzadas, é o sr. Café Filho, em dia de formatura primária. O rosto lembra o homem de hoje.



Quando a polícia na capital controlava seus passos, Café desviava-se para um município. Em 31 (Ceará-Mirim) receberam-no de chapéu na cabeça. Depois os palhinhas subiram em vivas.

velho e pequeno. Ali, o menino João Café estudou o curso primário, aos 12 anos de idade. Hoje é um depósito de coisas velhas. Num prédio ao lado, no mesmo terreno, os aposentos guardam uma remota recordação da infância estudiosa do menino Café. Chama-se Aurea Magalhães. Era a professôra e a proprietária do colégio. Saído no segundo ano primário do colégio (protestante) Americano, os pais transferiram o menino para o colégio de d. Aurea, onde ficou até o curso de admissão, sendo, então, encaminhado para o Ateneu.

— João era um menino comportado, estudioso e inteligente. De um modo geral, era um bom aluno, mas sempre lhe senti maior inclinação para História, Geografia e Línguas. Disse êle, num discurso que fêz aqui em Natal, quando vice-presidente da República, que, em seu tempo de estudante, era um aluno da mais acentuada falta de comportamento. Isto deve ter acontecido no Ateneu, e, assim mesmo, custo a crer. No meu colégio era um menino comportadíssimo. Depois, quando jovem, aí, sim, êle era um rapaz agitado. Andava por aí correndo as ruas com os operários, perseguido pela polícia, sofrendo o diabo. Eu sabia que êle ia ser presidente. Sempre dizia que um dia Getúlio sairia do país para uma viagem qualquer e êle assumiria o govêrno. O que João já sofreu, a presidência da República foi uma paga que Deus lhe deu.»

Dia 17 — Ali por 1921, Café começou a ser recebido pela Colônia de Pescadores, um reduto de homens bravos e briguentos, em constante disputa com a fôrça policial. Com suas miúdas reivindicações, reuniam-se na calçada dos caminhos para discutir problemas de classe. Café a êles se uniu e foi trazendo conteúdo para suas lutas. Por fim, era seu líder. Entre êles e a seu lado, Café sofreu prisões. Estão ainda por lá e se reuniram para falar do atual presidente, a quem conheceram, primeiro como um menino audacioso e de verbo fácil, e, mais tarde, como líder. Ainda por lá, de peito nu e crestado, todos fortes, pescando e remendando sarrafas, Mandus, Manuel Ciríaco, Pititinga, Pedro Vieira e Prêto Velho.

Conta Manaus, embevecido, chutando o mar, sentado num barco, as horas de intensa expectativa quando a polícia, um dia, cercou a Colônia. As autoridades haviam comunicado que êles estavam proibidos de se reunir. Nesse dia, Café decidiu que a reunião se faria de qualquer maneira. Chegou mais tarde com um saco cheio de armas e se trancaram para deliberar. Pouco depois chegava também a tropa. Exigiram que abrissem a porta. Resistiram. Insistiu a polícia que se rendessem e todos agachados responderam que ali ficariam. O cêrco durou tôda a noite. Pela madrugada um soldado descuidado, com uma bala na agulha, deixou sua arma disparar. A tropa, pensando que o tiro houvesse partido do interior do prédio, começou a mover-se para um combate. Esclarecida a origem do tiro, o oficial comandante da Fôrça resolveu exigir, novamente, a rendição. Café quis sair para não sacrificar os companheiros, mas Manaus o impediu. Mais tarde, resolveram então sair. Mas a recepção foi impiedosa. Lá fora foram esbordoados e a coronha das armas policiais fizeram manchas nas costas de todos. Presos, interrogados, ameaçados, a polícia resolveu soltá-los, finalmente. No dia seguinte, Café voltava para o meio dos pescadores e reiniciava seus comícios. Aquêle menino — diz Manaus — não tinha jeito. Só mesmo na presidência da República.»



Em quase tôdas as ocasiões que Café sofreu na carne a violência da polícia, teve a seu lado Sandoval Wanderley.



D. Áurea Magalhães aliviou bastante a responsabilidade dos generais. «A presidência para João foi um presente de Deus».



O sorriso de João Carvalho (cunhado) é o que se poderia chamar de fotogênico. E' uma das discrições mais sólidas que se conhece.

Conjuntura & Cifrão

FLÁVIO MARANHÃO

AUMENTO DAS RESERVAS DE OURO NO MUNDO

Cresceram as reservas dos países europeus e se reduziram as dos Estados Unidos.

● Segundo as estimativas do Banco de Liquidações Internacionais, os haveres em ouro dos bancos centrais das tesourarias e instituições internacionais elevaram-se em 1953, a 36,7 bilhões de dólares. Estas estatísticas não compreendem a URSS e os países satélites, dos quais é difícil apresentar indicações, mesmo aproximadas. Isto representa um aumento de 430 milhões em relação ao ano anterior.

As reservas em ouro dos principais países, nos últimos anos eram as seguintes:

Países	**(Milhões de dólares)**			
	1938	1950	1952	1953
Total mundial	26.420	35.820	36.280	36.710
sendo:				
Alemanha Ocidental	29	0	140	326
Argentina	431	216	288	373
BRASIL	32	317	317	321
Bolívia	3	23	21	21
Canadá	192	590	896	996
Chile	30	40	42	42
Estados Unidos	14.592	22.820	23.252	22.091
França	2.757	523	573	576
Itália	193	256	346	346
Japão	230	128	128	130
México	29	208	144	
Reino Unido	2.877	2.900	1.500	2.300
Suíça	701	1.470	1.411	1.459
Uruguai	73	236	207	227
Venezuela	54	373	373	373

Há que notar que, excetuando-se os Estados Unidos, os haveres em dólares nesses diferentes países se elevaram, no ano passado, a 11.8 bilhões, e os em libras esterlinas, com exceção da Grã-Bretanha a 11 bilhões. Apesar da importância das disponibilidades de cambiais fortes, o ouro continua a frente das reservas detidas pelos bancos centrais.

E' no Reino Unido que se verifica o aumento mais considerável das reservas ouro (mais de 800 milhões de dólares), classificando-se a seguir os Países Baixos (mais de 193 milhões). E' na Europa que se registram os maiores aumentos. Apenas a Áustria acusa pequeno aumento, de 5 milhões de dólares, compensado, porém, por um aumento de 100 milhões de dólares em cambiais.

Fora dos Estados Unidos, o aumento das reservas ouro é de 1.733 milhões de dólares; pode calcular-se que, desta cifra, 430 milhões representam um aumento da produção mundial de ouro e que 1.161 milhões são devidos à diminuição das reservas dos Estados Unidos, Indonésia, Cuba e Peru, diminuição, respectivamente, de 90, 28 e 10 milhões de dólares.

Fenômeno importante é o da diminuição da parte dos Estados Unidos no total das reservas mundiais: enquanto em 1949, os Estados Unidos absorviam 70 por cento das reservas do mundo livre, não detêm agora mais de 60 por cento.

Segundo as estimativas do Fundo Monetário Internacional, 62 por cento das reservas encontram-se na posse de organismos oficiais, o que denota uma baixa do entesouramento.

O Banco de Pagamentos Internacionais, preocupando-se com o eventual retôrno à livre conversibilidade das moedas, fêz um estudo para alguns países sôbre a relação existente entre as reservas monetárias e as importações. São os Estados Unidos que se colocam à frente, representando as suas reservas 24,6 meses de importações; a Suíça vem a seguir com 21,5 meses e depois Portugal com 15,5. As reservas da Grã-Bretanha poderiam permitir-lhe a cobertura de 3,9 meses de importações, assim como as da Alemanha. Para a França, o Banco calcula em 2,9 meses a cobertura de importações pelas reservas. Para o nosso país, o cálculo não foi feito pelo Banco de Liquidações Internacionais, podendo-se calcular, porém, que, no fim de 1953, numa situação particularmente favorável, as nossas reservas permitiam-nos cobrir perto de 5 meses de importações.

CAFÉ FILHO



No emaranhado das tarrafas e rêdes, e nessa mesma praia, Café começou pràticamente sua luta política de reivindicações operárias em Natal.

CUNHADO CAUTELOSO

Dia 17 — João Carvalho é o diretor dos Correios de Natal e um dos homens de maior mansidão que se pode conhecer. Sua discrição não tem limites, o que, psoitivamente, dificulta qualquer «enquête». Durante o govêrno do sr. Antônio de Souza, quando Café, pela segunda vez, teve de fugir do Rio Grande do Norte, atuou diretamente para salvar o cunhado, acompanhando-o na fuga até à fronteira de Pernambuco. Talvez pudesse contar fatos da intimidade do presidente da República, mas sua discrição não permitiu. Conheceu Café Filho no Ateneu, ainda estudante. Em 1919 ou 1920, havendo concluído o curso e tirado os preparatórios, uma lei determinou sem validade o curso anterior, exigindo o cumprimento de um outro para os alunos que desejassem ter reconhecido seu diploma. Café fêz, então, mais dois anos do novo curso, mas suas lutas lhe atrapalharam os estudos e resolveu abandoná-los. Em 1922, João Café ficou noivo da irmã de Carvalho (Jandira) e, no mesmo ano, ou talvez no seguinte, casavam-se. Perguntado sôbre a juventude amorosa ou boêmia de seu cunhado conta, hesitantemente, o seguinte:

— «Não me lembro das namoradas de Café, aqui na cidade. Mesmo que soubesse não poderia revelar, porque minha irmã seria capaz de me mandar um balaço no crânio. Depois essas coisas são muito difíceis de se lembrar porque Café era um rapaz muito reservado e não comentávamos essas coisas, principalmente por ser eu o irmão de sua namorada. Gostava, como qualquer moço de sua idade, de ouvir serenatas, mas não cantava porque sempre teve voz muito ruim. Não freqüentava festas assiduamente porque não sabia dançar. Seu divertimento era, geralmente, conversas com amigos no bar «Cidade Alta», quase a sêco, porque sempre bebeu muito pouco.»

FUGA DE BATA ESCURA

Dia 17 — Passo à tarde, saindo dos Correios, no «Jornal de Natal», fôlha da propriedade de Café Filho, dirigida pelo jornalista Djalma Maranhão. Encontro o tenente Agripino Antônio de Lima, a quem me apresentaram pela manhã. Êle deseja me contar um episódio. Comandando um pelotão (em 1926 ou 27) da Fôrça Pública, foi encarregado de fazer cercar o jornal de Café e prender o seu proprietário. Efetuada a manobra, percebeu, quando já começavam a entrar no edifício, que João Café saía pelo Beco da Laura, atrás da casa do bispo, vestido com uma bata comprida e escura, que até hoje não sabe precisar se era uma batina ou um vestido de mulher. Achou tão curioso o artifício e tão àgilmente (mesmo com a roupa incômoda) se desvencilhava Café dos obstáculos que não teve vontade de mover-se para iniciar a perseguição.

CAFÉ E A ADVOCACIA

Dia 17 — Encontro no hotel um cartão do advogado Lauro Pinto, que me dizia estar à minha disposição, mais tarde, em sua casa. Foi seu companheiro de escola e com êle atuou no Fôro em alguns casos. Conta que Café jogou futebol no Centro Esportivo e no Ateneu; embora um jogador combativo e animado, era um melancólico goleiro, fàcilmente vulnerável.

— Foi num julgamento (por crime de infanticídio) de Maria José que consegui apreender tôda a argúcia e ágil inteligência de Café como advogado. Maria José estrangulara o filho, pouco depois de nascido, e a cidade estava revoltada com o crime. No meio do julgamento, Café, que era meu companheiro de defesa, começou a falar, dirigindo-se para a assistência, dizendo que nela se encontrava o marido da ré acompanhando os trabalhos e terrìvelmente interessado que a mulher fôsse condenada. Apelou, então, para os jurados e para o público que o olhasse bem,

que enxergasse no seu semblante um sorriso maldito de satisfação. Êle que fôra o maior responsável, o verdadeiro criminoso, ao abandonar, em penúria extrema, a mulher grávida, obrigando-a a matar o filho de ambos. Tôda a assistência já procurava o homem. Café insistiu nesse ponto até ao final do julgamento. Afinal, verificou-se a absolvição da ré. Visìvelmente transtornado, procurei-o: «Café, onde é que está êsse homem. Queria conhecê-lo, ver a cara perversa dêsse monstro».

— Que homem? — perguntou Café.

— O marido.

— Sei lá — disse. — Nunca o vi e nem mesmo sei se êle estava por aqui...

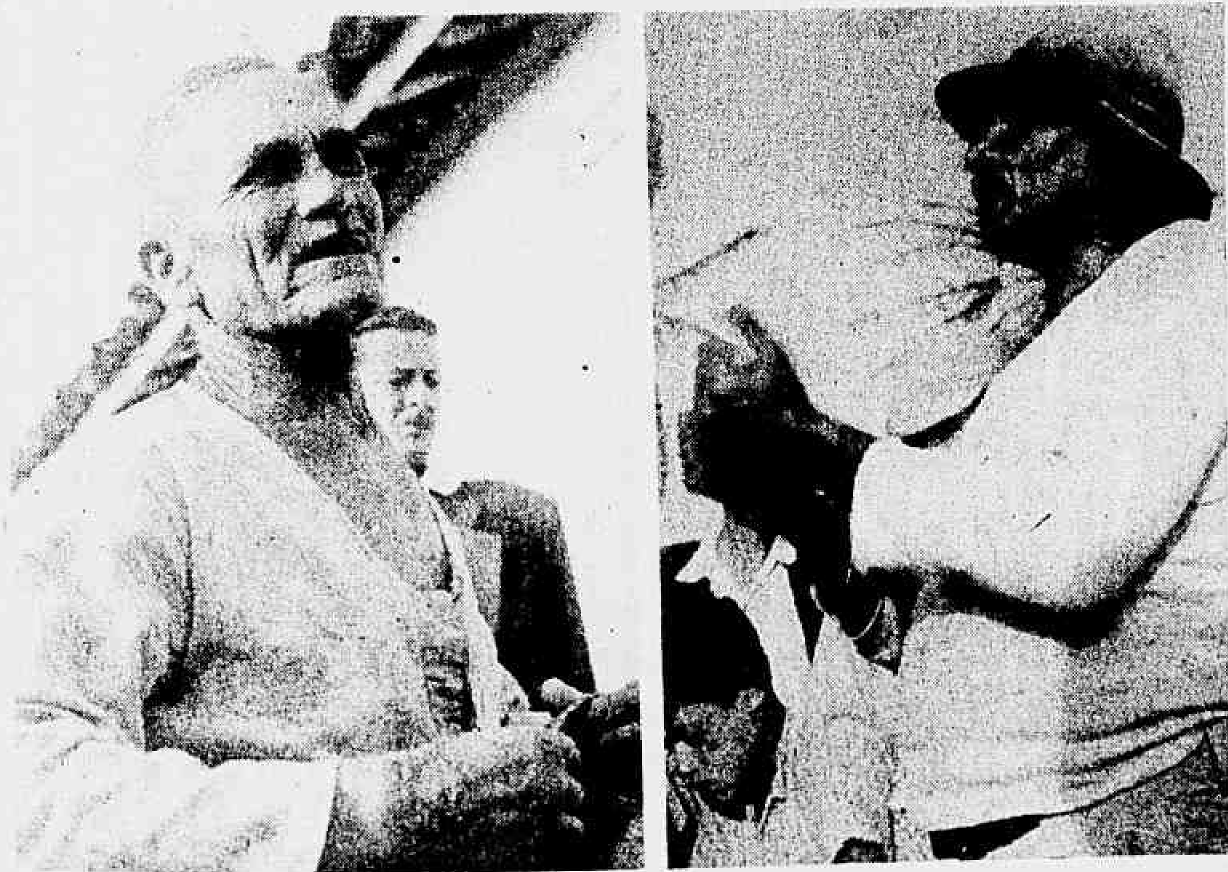
Diz ainda Lauro Pinto que Café era um advogado nato. De grande perspicácia, cedo percebia, no processo, uma maneira de explorá-lo. E, embora não conhecesse fundamente Direito (era rábula) suas incontestáveis qualidades de tribuno davam-lhe a vitória em quase tôdas as causas que patrocinava. Fazia advocacia de graça, geralmente advocacia criminal, para gente humilde. Quando lhe queriam pagar, davam como presentes porcos, cabritos e galinhas.

Dia 18 — Saio de Natal pela madrugada, e, à noite, em Recife, num apartamento da Praça Joaquim Nabuco, o fotógrafo José Cunha, do «Jornal do Comércio», está conseguindo enquadrar no visor de sua máquina as duas irmãs do presidente da República, depois de três horas de reiteradas solicitações para que consentissem na foto. A funcionária da delegacia do IAPETC, em Recife, d. Alice Café, guarda os traços, como se pode ver, da menina gentil que permanece ao lado do irmão, aos 10 anos de idade, numa fotografia de fim de curso no Colégio Americano de Natal. Alice Café chamava o irmão, quando criança, com perdão da liberdade, de Nanã. Hoje o menino dêste apelido é o presidente da República. Ela foi agredida, certa vez, quando a polícia perseguia, para prender, Café Filho em Natal. Diz de seu irmão que, desde muito jovem, sempre manteve reserva em família de sua vida atribulada, não entrando em confissões com ninguém. De vida calma, não fazia boêmia, mesmo porque o pai não lhe permitiria semelhante extremo. Chegava em casa, rigorosamente, antes das 10 horas da noite. E sòmente uma vez, protegido por sua mãe, entrou pela madrugada, no sítio de Juaguarari. Acompanhava mocinhas a um baile, por determinação de sua mãe, e alta madrugada, retirou os sapatos, na soleira da porta, entrando pé a pé, a fim de que o pai não o surpreendesse. Conta que quando advogava os clientes mais agradecidos e de maior riqueza o presenteavam com animais. Mas as galinhas nunca chegaram a seu estômago, chegando ao extremo de comer longe dos parentes, quando em dia mais abençoado, a mesa era visitada por uma ave carnuda. Acha que Café tem sido acusado injustamente de fatos sem fundamento. Quando mandou proteger a família de Juvenal Lamartine e demais inimigos, em 1930, ela própria estêve contrária a essa medida, achando que seu irmão protegia o homem que fizera anunciar pela cidade que desejava que a cabeça de Café Filho lhe fôsse entregue numa bandeja, quando o encontrassem seus acólitos. Está, presentemente, preocupada com a saúde do irmão. Vendo-o num cinema, no dia da prestação de juramento na Câmara, achou-o magro e acabrunhado. Desejaria, naturalmente, que a êle coubesse a presidência da República como prêmio de suas lutas políticas e de seu passado de homem lutador, mas não nas atuais circunstâncias.

— Aos que acusaram meu irmão de desonesto, desejaria que êles soubessem que todos nós poderíamos, hoje, gozar de uma situação melhor, financeiramente, se não tivéssemos de vender nossas propriedades para saldar muitos dos compromissos que Café assumia em sua vida de lutas, quando lhe quebravam os jornais que fundava.»

Dia 20 — Procuro no Rio dois homens ligados, por motivos diversos, à vida de Café Filho. Um dêles é o condutor de um «taioba» que faz a linha de Vila Isabel, de nome Manuel Leopoldino, colega de bancos escolares (no Ateneu) do atual presidente da República, por êste já recinhecido, e efusivamente abraçado. O outro é o hoje general Everardo de Barros Vasconcelos, que cometeu o atentado contra a vida do (hoje) presidente da República, uma tarde, dentro de um bar de Natal. Ao telefone, respondeu, ríspidamente:

— «Sou inimigo dêsse homem. Não quero falar sôbre êle»...



Manuel Ciriaco e Manaus sofreram com Café, na Colônia de Pescadores, em 1921, as represálias do govêrno e tôdas as solicitações classistas em que se empenhavam.

Flash carioca

PAULO DE ANDRADE LIMA



Alencastro



Lourival



Goulart

● MUITA CONVERSA E POUCO TRABALHO — O professor Farina, ao transmitir o cargo de Diretor de Educação de Adultos a Murilo Almeida dos Reis, falou quarenta e cinco minutos sôbre sua própria administração, que durou apenas o espaço de trinta dias. Levando-se em conta, é claro, o repouso semanal remunerado.

● SEGRÊDO ENTRE QUATRO PAREDES — Pessoa ligada à família de Mauro Joppert, teria afirmado que o candidato a vereador pela UDN já dispendeu perto de dois milhões de cruzeiros. Isto porém nada significava para o político milionário, uma vez que, na Prefeitura, seus interêsses eram consideràvelmente mais vultosos.

● DESAPROVAÇÃO — Na opinião de prestigioso líder do PTB, Jango Goulart foi quem mais trabalhou para que Pais Leme não fôsse o suplente de Caiado de Castro.

● HOMENAGEM — As Mesas Redondas Panamericanas do Brasil ofereceram na A.B.I. um almôço ao magnífico Reitor Professor Deolindo Couto.

● SINDICÂNCIA — O Ministro Alencastro Guimarães ouve diàriamente as gravações dos depoimentos tomados pela Comissão de Inquérito especialmente nomeada para apurar a responsabilidade do dinheiro arrecadado através do impôsto sindical.

● AS ESTRÊLAS TAMBÉM FALAM — José Cândido Ferraz, antes de embarcar para a campanha eleitoral, consultou o astrólogo Sana Khan, que assegurou sua reeleição para a Câmara Federal.

● ENTRE AMIGOS — Lourival Fontes está queixoso com o tratamento dispendido a sua pessoa por Alzira Vargas, após os acontecimentos de 24 de agôsto.

● GRATIDÃO — Moradores do morro de São Carlos prestaram a Hélio Walcancer uma grande homenagem, pelos serviços prestados por êsse combativo advogado da classe portuária.

● AUTO-INDICAÇÃO — O Ministro da Educação destinou, na comissão do CND, um lugar para a Escola Nacional de Educação Física. Uma lista de três nomes escolhidos pela referida escola deveria ser apresentada ao Ministro que apontaria o novo membro do CND. Peregrino Júnior, atual diretor do FNEF da D.B., antecipou-se à decisão da Congregação e auto-indicou-se ao Ministro. Sua atitude desgostou à Congregação da Escola Nacional que pretende levar ao conhecimento do Ministro sua repulsa ao método usado pelo conhecido e ligeiro imortal.

o consórcio





tem a satisfação de apresentar seu novo avião

Convair 340

O "Convair-340" é fabricado pela Consolidated Vultee Aircraft Corp., produtora dos famosos B-36 (o maior bombardeiro do mundo), dos Delta F-102, dos T-29, dos R-34, dos Sea Dart XF-21 e outros. Tôda a experiência e a técnica adquiridas na construção dêsses extraordinários aparelhos foram aplicadas no "CONVAIR-340" — que reúne tôdas as qualidades de um avião super moderno, veloz e forte. O "CONVAIR-340" tem sida submetido a tôdas as provas e é considerado universalmente como o mais completo e perfeito bi-motor da atualidade. O "CONVAIR-340" marca uma nova era no progresso da aviação comercial e é com orgulho que o CONSÓRCIO REAL-AEROVIAS anuncia a sua inclusão em sua frota (atualmente composta de 72 aparelhos DC-3 e DC-4), de 8 aviões "CONVAIR-340", estando dessa forma aparelhado para corresponder a confiança e preferência do povo brasileiro, a cuja colaboração deve seu extraordinário progresso, sem precedentes na história da aviação.

- ★ 44 passageiros
- ★ Cabine pressurizada
- ★ 450 quilômetros por hora
- ★ Ar condicionado
- ★ Hélices de passo reversível
- ★ Rodas duplas no trem de pouso



VERA HIME DESPEDE-SE
"FANTASIA E FANTASIAS"

PETER

● Para falar honestamente, eu cheguei muito tarde ao Golden-Room do Copa. Havia ido à festa da srta. Vera Hime, que se despedia dos amigos, voltando aos seus livros, na Europa. Encontrei-me com o cronista Ibrahim Sued, no corredor, que gentilmente convidou-me para a sua mesa. O «show» já terminara e batiam papo o casal Ricardo Serran, a simpática sra. Sônia Guimarães e o sr. Manuel Muller. Sentei-me e fiquei ouvindo os comentários. Todos haviam gostado, achando que o sr. Caribé da Rocha fizera um espetáculo limpo, simples, aproveitando cem por cento os elementos nacionais. Havia sobretudo bom gôsto e discrição que, no fundo, são reflexos da própria tradição do Copacabana. Nos dias seguintes à estréia, li os cronistas sociais e especializados em espetáculos noturnos e, salvo pequeninas restrições, todos concordam com a opinião geral.

Embora atrasadíssimo, ainda vi a sala completamente cheia (quase quatrocentas pessoas compareceram), podendo notar a presença dos casais: Aloisio Muniz Freire, Roberto Marinho, João Saavedra, Barão de Saavedra, Mayrink Veiga, Bob Winans, Alvaro Catão, Didu Campos, Carlos de La Madriz, Gastão Veiga, sra. Loreto Lage e o sr. Otávio Guinle. À saída, ainda pude ver o ex-ministro e sra. Mário Pinotti, esperando sua filha que fizera sua estréia no «show». E tomei a condução, prometendo a mim mesmo que voltarei para ver «Fantasia e Fantasias».

● DONAS DE CASA

No Clube Israelita Brasileiro, dia 29 de outubro, terá lugar a festa em benefício da «Associação das Donas de Casa», organizada pelas srtas. Marly Bellarme, Lygia Cotta e Baby Vignoli, sendo patronesse a sra. Horácio Klabin. A festa constará de «show», dança e desfile, com 25 moças, elegantíssimas, na pista. Mas, notem na beleza da srta. Lygia Cotta, é uma belezoca.

● MANDE-AS PARA CA

O cônego Cunha Sarmento, funcionando na Igreja da Matriz de Batatais, considerando que as obras de Portinari ali existentes transformaram o templo em centro de curiosidade, resolveu mandar retirá-las. Com isto, muito sàbiamente, não concordou o bispo de Ribeirão Prêto, mandando que se mantenha as telas onde se encontram. Caso o senhor bispo perca a fôrça, pode remetê-las à minha casa que, com prazer, eu a veria transformada em centro de peregrinação artística. Senhor cônego, nem só de fé vive o homem; de arte também.

● DEFESA DE TESE

O jovem sr. Adolpho Konder Homem de Carvalho fêz sua defesa de tese, perante muita gente, inclusive sua numerosíssima família. Constava sua tese na defesa de uma mulher que matara o marido. Quem assistiu disse que êle desenvolveu seu ponto de vista de maneira inteligente e engraçada. Por várias vêzes a assistência deu boas gargalhadas com suas respostas aos apartes do advogado de acusação.

● CELSO MENDONÇA TOMOU POSSE

Foi bonita, rápida e simples a posse do novo diretor do Montepio Municipal, não deixando de comparecer o sorridente sr. Gilberto Marinho que foi abraçar o amigo. O sr. Celso Mendonça recebeu das funcionárias muitos abraços apertados que não se cansaram de elogiar a mocidade e elegância do novo diretor.

● JANTAR DE MARITA DÓRIA

No grande apartamento dos Dória, com música da orquestra completa de Claude Austin, teve lugar o jantar que a srta. Marita Dória ofereceu aos seus amigos. Foi um «belo e perfeito jantar», como disse o cronista Fernando Augusto de Carvalho.

● SILVEIRA SAMPAIO E OS CRONISTAS

Soube que o sr. Silveira Sampaio (e agora o jornal confirma) está preparando uma peça que satiriza (com finura, como sempre) os cronistas sociais. É bom que se saiba que o pediatra Silveira Sampaio já foi cronista social, no «Diário Carioca», há vinte anos atrás.

● NADA DE NAMÔRO

Podemos informar com segurança que nada existe, salvo seja uma grande amizade, entre a srta. Ana Rosa Lemos Lessa e o senhor Nero Moura. Foi assim que, chegando de uma viagem, o senhor em questão soube pelos jornais que estava namorando a senhorita supra-citada.



A «petière» veio de Paris.

ESPORTE DE CADA UM

● Durante muito tempo você poderia encontrar, inseparáveis, as duas irmãs Dolabella. Eram as irmãs mais inseparáveis do Brasil. Hoje, quase sempre, as duas estão separadas. Esta que aparece na fotografia é Eloísa, ou melhor, srta. Eloísa Kramer Dolabella que tem um ar suave, elegante, que não traduz absolutamente a dinâmica criatura que está atrás dêste sorriso. Eloísa acorda sempre muito cedo, faz ginástica, aprende inglês, tem aula de decoração, guia com perfeição, já montou com grande habilidade, tendo-se destacado na Hípica. Depois, jogou tênis e nadou com igual facilidade.

Já foi diversas vêzes à Europa e, ano passado, foi chamada por Jacinto de Thormes de «a mais distraída do ano». Suas distrações são famosas, sendo a mais comentada de tôdas o fato de ter deixado o carro na porta da costureira e ido de táxi para casa.

Já saiu na lista das 10 moças mais elegantes do cronista Fernando Augusto e, segundo já andei sondando, será nomeada na próxima lista.

Nos momentos de folga, Eloísa veste o avental, pega no pincel e nas tintas e vai jogando as côres sôbre a tela branca. Sim, a srta. Eloísa Dolabella é uma excelente e modestíssima pintora. Não mostra seus quadros, salvo quando a insistência começa a se transformar em impertinência. Elegante, desportista, moderna, viajada e simpática, Eloísa descende de uma das mais tradicionais famílias da nossa alta sociedade.







Despedindo-se de seus amigos de volta à Suíça, onde estuda, a srta. Vera Hime ofereceu uma festa excelente, animada pela música de Bené Nunes e alimentada por um excelente «buffet». Do bonito acontecimento social são os três flagrantes, onde vemos as srtas. Marina Mesquita, Ilde Garavaglia, Gilca Severdelo Machado, Vera Hime, Carmen Sallem, Heloísa Dolabella, Nená R. Tavares, sra. Dália Melo Franco Alves e srs. Benjamin Tissenbaum e os cronistas Peter e Fernando Augusto. (Fotos A. Vieira)

O último comparsa do drama





GREGÓRIO

● Como se depreende da leitura dos autos e ficou bem claro no decrorrer das investigações, os indícios inicialmente colhidos formavam como que um feixe que invariàvelmente se orientava para a pessoa de Gregório Fortunato, chefe da Guarda Pessoal do ex-Presidente da República. Até aí, isto é, até à pessoa de Gregório as coisas andaram sem grandes dificuldades e foi relativamente fácil chegar à confissão de Gregório, no que diz com a sua responsabilidade pessoal.

Entretanto, havia razões para supor que houvesse participantes de maior categoria, e as diligências prosseguiram agora com grandes dificuldades pois esbarravam sempre nessa singular figura de criminoso que é Gregório Fortunato, endurecido na delinqüência, e por isso mesmo de manipulação difícil por quem se propunha a investigar partindo de revelações suas. Homens dêsse tipo só falam quando acham que lhes convém, e ainda assim quando eventualmente são encurralados por uma avalanche de provas.

E' claro que procuramos abordá-lo sempre levando em conta as peculiaridades de seu caráter e acabamos por conseguir que dissesse algo mais sôbre a verdade de seu conhecimento. Como último esfôrço chegamos, em reinquirição, ao seu depoimento de fls. 407 no que fixa êle a responsabilidade de três co-autores.

EUVALDO LÓDI

● «Foi o primeiro a surgir. Nas declarações que prestou no dia 21 de agôsto, relata Gregório Fortunato a proposta que recebera de Lódi por intermédio de Roberto Alves, no sentido de «bombardear» Carlos Lacerda. Refere que repeliu tal proposta que foi reiterada já agora no seu quarto no Palácio do Catete, pelo próprio Euvaldo Lódi em têrmos violentos. Confessou Roberto Alves a proposta que recebera de Lódi e que transmitiu a Gregório, proposta feita no Hotel Olinda, em Copacabana na presença dos srs. João Gaia Gomes e Nelson Junqueira da Veiga Azevedo que ouvidos confirmaram as declarações de Roberto Alves. Ouvido o deputado Euvaldo Lódi negou a acusação formulada por Gregório e Roberto Alves. Necessária se tornou assim uma acareação entre Gregório Fortunato, Roberto Alves e Euvaldo Lódi. Sustentaram os dois primeiros, de forma enérgica, que êste último realmente incitara Gregório ao homicídio. Cremos não ser possível traduzir, no papel, a impressão causada pela veemência dos acusadores no espírito daqueles que presenciaram aludida acareação. Entre êles se encontrava o deputado José Augusto, então presidente em exercício na Câmara dos Deputados. Enquanto Gregório e Roberto reafirmaram, de maneira categórica e vigorosa, a acusação feita a Lódi, êste pela atitude timorata e passiva que assumiu afastou qualquer sombra de dúvida sôbre a verdade encerrada na imputação do incitamento.



BENJAMIM VARGAS

● «Na história dêste atentado preparado por Gregório Fortunato, chefe da Guarda Pessoal do Presidente da República, a figura de Benjamim Dorneles Vargas ocupa posição de relêvo. E' Benjamim, irmão do falecido ex-Presidente da República, o qual para êle apelava nos momentos difíceis de seu govêrno, considerando-o um homem capaz de soluções extraordinárias para as crises que se afirmavam insolúveis pelos processos comuns ou normais. Uma vez mais, como em 1945, ocorreu essa utilização dos préstimos de Benjamim Vargas. Na madrugada do dia 8 de agôsto relatava, pela primeira vez, o motorista Nelson Raimundo de Souza o nome de Climério como participante do atentado da rua Toneleros. Na mesma manhã, poucas horas depois, toma Benjamim Vargas conhecimento de ser Gregório Fortunato o mandante do crime. Dirige-se Benjamim ao encontro do ex-Presidente da República, pois que por êle fôra chamado com urgência. Êste fato de inegável importância e gravidade está provado pelas confissões de Benjamim Vargas e Gregório Fortunato. Chamado Benjamim Vargas para prestar declarações no dia 2 de setembro, procura mentir, afirmando que a palestra mantida com Gregório na viagem se circunscreveu a um apêlo que lhe fêz Gregório para intervir junto ao ex-Presidente da República, pois êste o despedira e lhe declarara não merecer, êle (Gregório), mais confiança.

Êsse mentiroso depoimento se desmascara quando, ouvido novamente, Gregório Fortunato informa que, na manhã de domingo, véspera da dissolução da Guarda Pessoal, quando se dirigiu a Petrópolis ao encontro de Benjamim confessou que mandara Climério tomar providências para dar sumiço ao jornalista Carlos Lacerda». E admite que Benjamim logo à chegada tenha levado ao conhecimento do ex-Presidente Vargas os fatos que lhe foram relatados pelo declarante, no automóvel, durante a viagem para o Palácio do Catete. Era óbvio que com a confissão de Gregório impunha-se a necessidade de ouvir novamente Benjamim, o que foi feito no dia 9 do corrente mês. Prestando novas declarações, confirma Benjamim a confissão feita a êle por Gregório. Como se pode certificar foi Benjamim Vargas chamado pelo Presidente da República na manhã de domingo, dia 8 de agôsto, em momento grave da vida do govêrno. A gravidade do assunto a ser com êle tratado é encarecida pelo major Acciolly que lhe faz por telefone o chamado para vir ao encontro do ex-Presidente. E, no trajeto de Petrópolis para o Palácio do Catete toma conhecimento da confissão do homem de confiança do ex-Presidente. Chegando ao Palácio vai Benjamim imediatamente ao encontro do ex-Presidente. Acreditamos não ser possível admitir que Benjamim Vargas, chamado no momento grave tivesse deixado de comunicar ao Presidente da República que o chefe de sua Guarda Pessoal confessara na viagem ser o mandante do atentado, a não ser por um ato de traição ao seu próprio irmão, ex-Presidente da República».

MENDES DE MORAIS

• O aparecimento de indícios contra êste oficial general determinou a remessa do presente IPM a V. Excia. (ministro da Aeronáutica) na forma do parágrafo 1º do art. 115 do C.J.M.

Gregório em seu depoimento acusa o general Mendes de Morais do seguinte modo:

«A pessoa que mais influiu em seu espíriteo para o atentado foi o gal. Mendes de Morais vuisto que êste com a responsabilidade de sua posição comparou a responsabilidade do declarante com a de um verdadeiro ministro da Defesa: A data não pode precisar. Foi quando o general Amauri Kruel se apresentou ao Presidente Vargas no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. Morais que acompanhara o general Kruel conversou com Gregório numa sacada de primeiro andar. E usou as seguintes expressões:

— Gregório você é o ministro da Defesa. Êste homem (Lacerda) vai levar o país a uma guerra civil e você é o único responsável pelas desgraças que podem acontecer no país. E' necessário que você dê um jeito nesse homem». Acrescenta Gregório que o general Ângelo Mendes de Morais falou, ainda no assunto, durante dez minutos, com veemência.

O declarante (Gregório) ficou vivamente impressionado sobretudo porque o general Mendes de Morais punha sôbre seus ombros a responsabilidade de um verdadeiro ministro de Defesa, expressão esta que nunca ouvira antes e que, tendo percebido o seu significado e por ser dita por um homem da posição do general Mendes de Morais não só o desvanecia como o punha em brios, tal a responsabilidade que lhe acarretava.

Em seguida acrescenta que meditou durante muito tempo no que Mendes de Morais lhe dissera. Convencido de sua responsabilidade, chamou Climério e mandou «dar sumiço» em Carlos Lacerda. Voltou a encontrar-se com o gal. Mendes de Morais, no almôço que o Batalhão de Caçadores, em Petrópolis, ofereceu a Getúlio Vargas. Gregório aproximou-se do general e perguntou-lhe:

— «Que tal a chefia de Polícia?»

— Nesse regime — respondeu Mendes de Morais — não dá para se dar o pau. O que me interessa é a Prefeitura. Em seguida mudou de assunto e comentou: «Já tenho alguém rondando o Lacerda para lhe dar um tiro». Gregório retrucou:

— «Vamos ver então quem chega primeiro».

Nesse instante acercaram-se dos dois os generais Nelson de Melo e Lamartine Pais Leme. Gregório calou-se, afastando-se, deixando os três generais.

No sábado para domingo (26-26), o general foi ouvido durante 6 horas num interrogatório da Polícia Técnica. Acompanhavam-no seus dois advogados Justo Mendes de Morais e Evandro Lins e Silva e os generais Otávio Saldanha Mazza e Augusto Correia Lima. Mendes de Morais negou as duas acusações que sôbre êle foram dirigidas por Gregório Fortunato e José Alcides (Rosa Branca) de, a ambos, ter proposto o assassinato de Carlos Lacerda. Ao primeiro apelando-lhe para a vaidade e responsabilidade de desagravar seu chefe e protetor o Presidente Vargas; e ao segundo a vida do jornalista por 100 mil cruzeiros.

Na madrugada do dia 27 de setembro (segundo informação das autoridades da Aeronáutica) o general Mendes de Morais, depois de depor na Divisão da Polícia Técnica (onde chorou) foi à casa de Rosa Branca para oferecer à sua mulher Jurema Alcides grande quantia em dinheiro em troca de seu desmentido das declarações que o seu marido prestara à polícia e Aeronáutica, inculfando-o como mandante (dêle) para um atentado (que não se realizou) ao jornalista Carlos Lacerda. Repelido em sua proposta, Mendes de Morais ameaçou de morte Jurema e seu marido, José Alcides (Rosa Branca). Foi êste fato que determinou que os oficiais da Aeronáutica levassem Rosa Branca para a Base do Galeão, enviando-o depois para um lugar seguro.





DANTON COELHO

• Referido como incitador do atentado aparece também êste deputado federal, apontado em declarações diretas, por Gregório Fortunato. Não nos foi porém possível apurar a medida exata da sua participação, pois êste parlamentar, valendo-se das suas imunidades recusou-se a prestar qualquer esclarecimento no IPM. A responsabilidade de Danton Coelho no atentado da rua Toneleros foi também exposta através dos sucessivos depoimentos (verdadeiros) de Gregório Fortunato:

Durante o veraneio presidencial em Petrópolis teve ocasião de conversar diversas vêzes com o deputado Danton Coelho que sempre que falava sôbre o jornalista Carlos Lacerda, concluía «só morrendo mesmo».







Rossano Brazzi, que aparece com Katherine Hepburn no filme que David Lean está dirigindo na Itália. Miriam Bru, jovem atriz francesa que atua no cinema italiano. Robert Young, que representa em Veneza a velha geração americana. Irene Genna, durante a projeção do filme de Hitchcock.

EM VENEZA

DECADÊNCIA DOS FESTIVAIS DE CINEMA

GLORIA SWANSON, ATRAÇÃO MÁXIMA ★ KATHERINE HEPBURN NÃO GOSTA DE REPÓRTERES ★ GINA, A ABSOLUTA ★ GEOGRAFIA SUBVERTIDA...



Êste é Octavio Croze, que foi diretor do festival de 1935 a 1942, e que voltou agora...

VENEZA, agôsto — Parece que os festivais cinematográficos estão destinados a desaparecer da face da terra. Talvez porque já não se acredite muito na validade dos prêmios — viu-se como o público reclamou ferozmente pelo prêmio usurpado a Marlon Brando pela sua esplêndida atuação em «Waterfront» — talvez porque como atração turística, tais festivais venham decrescendo ràpidamente de interêsse. A verdade é que se multiplicaram de tal modo pelo mundo inteiro, que hoje já não se sabe muito em que júri confiar, se no de Cannes, no de Veneza, no de Punta del Leste, no de S. Paulo ou no de qualquer festival mais ou menos clandestino instaurado por trás da cortina de ferro. Já não temos, nesta Veneza nublada por exemplo, e sôbre que parece pesar a lembrança da morte recente de De Gasperi, o acúmulo de gente que tanto brilho deu aos festivais antigos. Não se pode dizer, pròpriamente, que a qualidade dos filmes tenha piorado. Algumas autênticas obras-primas se revelaram agora, tais como «La Romana», de Zampa, que nos traz uma Gina Lollobrigida mais bela e mais atriz do que nunca, o «Waterfront», que obrigou a platéia a saudar com entusiasmo o trabalho magnífico de Marlon Brando — sem dúvida o melhor ator que a América conta no momento, e um dos mais significativos no mundo inteiro — «Rear Window» o mistério de Alfred Hitchcock que apresenta James Stewart no papel de um paralítico, e o extraordinário filme japonês. Todos êsses bastariam por si só para dar brilho a qualquer festival, mas o que lamentamos, e é bastante visível agora, é que poucos nomes de projeção tenham comparecido ao certame. Por exemplo, desta vez tivemos como atração máxima, uma atriz mais do que veterana, Glória Swanson. Com seus cinqüenta e tantos janeiros — ou sessenta? — Glória atrai irresistìvelmente a atenção, quer porque ainda seja uma mulher bela, quer porque se apresente com grande classe, vestida pelos melhores costureiros do mundo. Ao seu lado, aparece sua filha Cornélia, que também é muito bela, e que despertou alguma atenção. Outra americana de importância foi Katherine Hepburn, que filma na Itália sob as ordens do diretor inglês David Lean. Mas La Hepburn não deu nenhuma confiança ao festival, ao contrário, jamais se desfêz de suas roupagens masculinas, alegando que é muito incômodo um traje de noite, e que prefere viver sossegada, longe dos repórteres. Tão sossegada que não os recebeu, batendo-lhes a porta na cara e cuidando apenas dos seus textos para seu filme.

Pode-se dizer que a grande sensação européia foi Gina Lollobrigi-







e Kenzo Mizouguchi, o grande diretor japonês, são figuras que abrilhantaram o festival de Veneza, se bem que êste já desse visíveis sinais de decadência. E' que o público, já enganado tantas vêzes, não acredita mais nos prêmios...

da, principalmente por causa de seu último filme «La Romana», que é um soberbo espetáculo. Extraído da novela do mesmo nome de Morávia, famoso escritor italiano, o novo filme de Zampa é audacioso e belo, merecendo os aplausos que coroaram sua apresentação.

O filme de Hitchcock foi recebido friamente, apesar de seu «suspense» hàbilmente obtido. Quase todos consideraram-no uma obra fria, estudada, pouco à altura do mestre de «Trinta e nove degraus». Salienta-se o papel de James Stewart, que passou todo o tempo numa cadeira de rodas, com a perna engessada. Mas isto não bastou para arrancar do júri a cobiçada láurea.

Os franceses apresentaram «Ne touchez pas au grisbi», uma espécie de sátira do gangsterismo, feito com inteligência e humor. Jean Gabin tem neste filme uma grande oportunidade, fazendo um «gangster» já cansado pela idade e pelas aventuras.

Iamos nos esquecendo: estava também no festival Maria Felix, e a curiosidade que Gina Lollobrigida despertou, foi um pouco dividida com a bela mexicana, que se apresentou muito bem vestida e em ótima forma. Isto foi o que nos apresentou êste festival mais ou menos melancólico...



Sinal dos tempos: Gloria Swanson, que tanto brilhou outrora, polarizou a atenção do festival. Ao seu lado, uma legítima herdeira de sua beleza: sua filha Micaela. Gloria, como sempre, veste-se no rigor da moda.



CAFÉ E OS 85 PRIMEIROS SOLICITANTES

● Durante duas horas a 85 solicitantes o Presidente Café Filho concedeu a sua primeira audiência pública, na segunda-feira, 27 de setembro. Os repórteres credenciados no Catete contam que os pedidos mais insistentes foram de passagens de regresso para o Nordeste e concessão de casa própria, pelos Institutos. Outros, contudo, não se contiveram. Uma jovem lindamente nervosa acercou-se do Presidente e pediu: — «Vossa Excelência podia arranjar para eu dar uma voltinha de helicóptero?» (o Presidente negou). Um inventor (Álvaro Ribeiro Bastos) fêz a exposição das excelências de um invento capaz de multiplicar a fôrça motriz, ficando ao critério do secretário particular da Presidência da República determinar que se marque hora e dia para uma demonstração pública da eficiência do invento. Um (declarante) bacharel em direito solicitou a miudeza de um Cartório e uma funcionária dos Correios deixou depositados, na mão do Presidente, 20 mil votos teóricos para qualquer campanha a que se disponha Café Filho. Como o Presidente pediu apenas que a senhora influísse junto a seus sectários para não solicitar empregos, como única dádiva que dêles desejava, a funcionário ofereceu um amuleto ao Presidente. (Fotos «Tribuna da Imprensa»).



Número especial
em homenagem
ao maior
assinante
da seção

CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliashaw
Assinatura do autor, quando herdou seu bom humor.

leon eliatchim
Assinatura do autor, quando resfriado.

leon eliazar
Assinatura do autor, no hipódromo da Gávea.

X
Assinatura do autor, há 10 anos atrás.

leon eliachar
Assinatura do autor, no Pão de Açúcar.

leon eliach
Assinatura do autor, com falta de ar.

leon eliach
Assinatura do autor, com 30% de abatimento.

$\sqrt{\text{leon eliachar}}$ = eu
Raiz quadrada da assinatura do autor.

... eliachar
Assinatura do autor, depois de visitar o Jardim Zoológico.

leon
Assinatura do autor, depois de dar 1 milhão de autógrafos.

leon eliajazz
Assinatura do autor, no seu álbum de discos.

Assinatura do autor, no Chinese Theatre.

leon eliashow
Assinatura do autor, se exibindo.

leon eliachará
Assinatura do autor, procurando algo.

leon eliatchau
Assinatura do autor, numa carta de despedida.

leon eliacharm
Assinatura do autor, diante do espelho.

leon eliachaplin
Assinatura do autor, para efeito de bilheteria.

leon eliaxá
Assinatura do autor, na Pérsia.

leon eliacarr
Assinatura do autor, dentro do automóvel.

neon eliachar
Assinatura do autor, feita no escuro.

leon eliachute
Assinatura do autor, No Maracanã.

leon ex-liachar
Assinatura do autor, quando mudar de nome.

leon eliachato
Assinatura do autor, feita pelos colegas.

|
Assinatura do autor, de perfil.

leon eliakhan
Assinatura do autor, dedicada a Gene Tierney.

leon eliashort
Assinatura do autor, na areia da praia.

leon eliazar
Assinatura do autor, com a batuta na mão.

leon eliagá
Assinatura do autor, numa Bomba de Hidrogênio.

leon eliachange
Assinatura do autor, mudando com o tempo.

leon eliachôro
Assinatura do autor, no cemitério.

leon eliacharrrrrr
Assinatura do autor, com juros de 1% a.a.

leon eliacheque
Assinatura do autor, no fim do mês.

leon eliaczar
Assinatura do autor, na velha Rússia.

leon eliacharpe
Assinatura do autor, abaixo de zero.

leon
Assinatura do autor, aos pés da amada.

leon eliachanel
Assinatura do autor, numa carta perfumada.

leon eliajá
Assinatura do autor, feita às pressas.

leon eliachar
Assinatura do autor, feita com vinho tinto.

leon eliachance
Assinatura do autor, no momento oportuno.


Assinatura do autor, no Instituto Felix Pacheco.

leon eliachão
Assinatura do autor, encerando a casa.

leon eliaship
Assinatura do autor, no tombadilho.

leonzinho 22.447
Assinatura do autor, exclusivamente para senhoritas.





– Tem razão...
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287